Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Marco António Brito Oliveira

Revitalização do Bairro Herculano no Porto: Uma comunidade, um quarteirão

junho de 2026

Revitalização do Bairro Herculano no Porto: Uma comunidade, um quarteirão

Marco António Brito Oliveira

UMinho | 2026

Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

Marco António Brito Oliveira

Revitalização do Bairro Herculano no Porto: Uma comunidade, um quarteirão

Trabalho de Projeto
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitetura
Área de Cultura Arquitetónica

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Manuel do Couto Ramos Capela

junho de 2026

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.
Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.
Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição CC BY

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

AGRADECIMENTOS

Aos pais, por toda a dedicação, amor e força incondicional ao longo desta caminhada. Pelo apoio constante, pelos sacrifícios feitos e por nunca deixarem faltar coragem, motivação e confiança para alcançar este percurso.

A toda a família, pelo carinho, pela confiança e por acreditarem sempre que este caminho seria possível, acompanhando cada etapa com orgulho e apoio incondicional.

Ao professor José Capela, por toda a disponibilidade, orientação e incentivo ao longo do desenvolvimento deste trabalho de projeto e tese. Pela partilha de conhecimento e pelo acompanhamento fundamental nesta etapa académica.

Ao Nuno, companheiro leal ao longo de todo o percurso universitário, pela amizade sincera, pela presença constante e pelo apoio inabalável do início ao fim desta caminhada.

À Catarina, ao Pedro e à Francisca, amigos de longa data, pela amizade verdadeira, pela confiança e por desejarem sempre o melhor ao longo destes anos.

À Lara e à Ana Marques, pelos momentos de alegria, convivência espontânea, companheirismo e memórias construídas durante o percurso universitário.

A todos os amigos e a todas as pessoas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para esta jornada e fizeram parte deste percurso académico e pessoal.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.
Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri a qualquer forma de utilização indevida de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), nem à falsificação ou omissão de informações, fontes, dados, resultados ou processos em nenhuma das etapas conducentes à sua elaboração.
Declaro ainda que qualquer utilização de ferramentas de IA foi feita de forma transparente e responsável, encontrando-se devidamente assinalada/descrita no trabalho, e que procedi à verificação crítica da exatidão do conteúdo produzido com o seu apoio, assumindo integralmente a responsabilidade pelo que submeto.
Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Ética e Conduta da Universidade do Minho, bem como as normas aplicáveis de integridade académica e de proteção de dados.

RESUMO

No processo da industrialização da cidade do Porto, as ilhas e bairros operários consolidaram-se como tipologias estruturantes na produção do espaço habitacional popular e das dinâmicas comunitárias da cidade.

O presente trabalho de projeto procura revitalizar o Bairro Herculano, situado na zona das Fontainhas, considerando as problemáticas espaciais, sociais e urbanas que atualmente o caracterizam. A investigação dá enfase à forma como o quarteirão foi alvo de processos de fragmentação, originando, assim, o seu abandono, a ausência de espaços públicos qualificados e a reduzida articulação com a cidade, conduzindo à erosão das vivências comunitárias e da vitalidade urbana do bairro. O trabalho toma como referência o conceito de decrescimento, enquanto estratégia crítica, defendendo princípios associados à reutilização do existente, à requalificação espacial e à valorização das estruturas e dinâmicas já presentes no lugar.

Propõe-se reativar a relação entre o Bairro Herculano e a cidade contemporânea do Porto, através de novas vias de acesso, espaços coletivos e programas capazes de reforçar a convivência e a apropriação comunitária do espaço urbano. A antiga garagem da Rua Duque de Loulé assume particular enfoque, enquanto objeto da intervenção, funcionando como novo equipamento comercial conector entre o tecido do bairro e a envolvente urbana.

Palavras-chave: Bairro Herculano, Revitalização Urbana, Vínculos Comunitários, Coesão Social

ABSTRACT

During the industrialization of the city of Porto, the ‘ilhas” and working-class neighborhoods became key elements in the development of social housing and the city’s community dynamics.

This project aims to revitalize the Herculano neighborhood, located in the Fontainhas area, considering the spatial, social and urban issues that currently characterize it. The research emphasizes how the neighborhood has been subject to processes of fragmentation, leading to its neglect, a lack of quality public spaces and reduced connectivity with the city, which in turn has eroded community life and the neighborhood’s urban vitality. The work takes the concept of degrowth as a reference, as a critical strategy, advocating principles associated with the reuse of existing structures, spatial regeneration and the enhancement of the structures and dynamics already present in the area.

It proposes to reactivate the relationship between the Herculano neighborhood and the contemporary city of Porto, through new access routes, communal spaces and programs capable of strengthening coexistence and community ownership of the urban space. The former garage on Rua Duque de Loulé is a particular focus of the intervention, serving as a new commercial facility that connects the neighborhood fabric with the surrounding urban environment.

Keywords: Herculano Neighborhood, Urban Revitalization, Community Bonds, Social Cohesion

ÍNDICE

RESUMO v

ABSTRACT vi

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO 1 | A CIDADE DO PORTO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX 13

1.1. | Ilhas e bairros operários 13

1.2 | As transformações contemporâneas e os processos de degradação 19

1.3. | Bairro Herculano 23

1.3.1 | Morfologia e organização do quarteirão 27

CAPÍTULO 2 | AS PROBLEMÁTICAS ESPACIAIS 33

2.1| Análise crítica do tecido urbano 33

2.1.1| O quarteirão como estrutura fragmentada 37

2.1.2. | A influência da estrutura urbana nas vivências sociais e quotidiano 41

2.2| O decrescimento como estratégia crítica de intervenção urbana 45

CAPÍTULO 3 | A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO 47

3.1| Estratégias e âmbitos para o bairro operário 47

3.1.1| Reestruturação da rede de circulação pedonal 49

3.1.2 | Reconfigurar o espaço público 53

3.1.3| Valorização de equipamentos espaciais 55

CONSIDERAÇÕES FINAIS 63

ÍNDICE DE IMAGENS 65

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 69

Entre os séculos XIX e XX, dentro do contexto da industrialização e do crescimento urbano da cidade, a cidade do porto desenvolveu uma forte relação histórica com a habitação operária, as denominadas ilhas e bairros operários.

A génese destas estruturas habitacionais emergiu como resposta imperativa à crescente carência habitacional que se residia no território urbano. Um fenómeno catalisado pela concentração industrial e pela migração de contingentes populacionais oriundos do meio rural. As ilhas constituíram-se, derivado do seu posicionamento no interior dos quarteirões, uma das formas mais tradicionais da habitação popular portuense, refletindo simultaneamente problemáticas sociais, económicas e urbanas profundamente associadas à transformação da cidade industrial.

> "Cada cidade é sempre "muitas cidades" e as "ilhas" são uma dessas "muitas cidades" que o Porto também tem dentro de si"[1]

O presente trabalho de projeto insere-se neste quadro de reflexão sobre a habitação, outrora operária, e as problemáticas espaciais e urbanas associadas ao Bairro Herculano, situado na zona das Fontainhas, na cidade do Porto. Enquanto conjunto habitacional inserido no interior do quarteirão, este reflete simultaneamente paradigmas relacionadas com a dimensão habitacional, a comunidade existente, e os processos de degradação e fragmentação urbanos.

---

[1] Fernandes, M. – *"As 'ilhas' do Porto e os novos bairros"* apud Borges, M. (2009). *Das ilhas - Possibilidade dos agentes de uma realidade participarem na criação do repertório imagético que pretende documentá-la.* Dissertação de Mestrado em Design da Imagem, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Porto.

O objeto de estudo ancora-se na relação entre a configuração espacial do Bairro Herculano e as dinâmicas sociais e urbanas que se sedimentaram ao longo do tempo no interior do quarteirão. Não obstante a perenidade de uma vigorosa identidade comunitária que ainda carateriza o bairro, constatam-se, na atualidade, diversas vulnerabilidades associadas à degradação do edificado, à ausência de espaços públicos qualificados, à insuficiência de equipamentos coletivos e à reduzida articulação entre o conjunto habitacional e a cidade envolvente.

Neste contexto, procura-se, sem comprometer a identidade histórica, social e espacial do bairro, repensar em estratégias de intervenção urbana que dispõem soluções às problemáticas existentes.

> "O decrescimento opõe-se a um modelo de sociedade que se centra no crescimento económico infinito, à exploração dos recursos do planeta a todo o custo e à comodificação de todas as interações humanas e da natureza. Propõe a reorganização da sociedade em volta das relações humanas e uma coabitação responsável com os ecossistemas da Terra", [2]adianta. Não se trata de um sistema ideológico fechado, é uma proposta crítica e alternativa a um modelo que ultrapassou os seus limites ambientais e sociais. O decrescimento remexe em várias áreas da sociedade, procura alternativas, provoca escolhas. As opções individuais são fundamentais, mas a mudança terá de ser coletiva.[3]

Perante o cenário atual cada vez mais caraterizado pela prática de demolições, este exercício visa propor uma nova abordagem, tomando partido da transformação, adaptação e regeneração do tecido urbano consolidado. Assim, a investigação defende os princípios associados ao domínio do decrescimento enquanto abordagem crítica de transformação urbana, remetendo-se, assim, à reutilização do edificado existente, à adaptação funcional e espacial das estruturas e consequente requalificação do bairro, valorizando as dinâmicas coletivas já presentes no interior do quarteirão.

Neste enquadramento, o desenvolvimento da investigação partiu da metodologia adotada num processo contínuo de trabalho teórico e prático, desenvolvido em contexto da unidade curricular de Atelier Integrado. A metodologia incluiu pesquisa bibliográfica e análise de teses e referências relacionadas com

---

[2] Declaração de Hans Eickhoff, citada por Sara Dias Oliveira, "Decrescimento: uma nova visão de sustentabilidade", Jornal de Notícias Magazine, 13 de outubro de 2019, disponível em: https://www.jn.pt/noticias-magazine/artigo/decrescimento-uma-nova-visao-de-sustentabilidade/11413473

[3] Sara Dias Oliveira, «Decrescimento: uma nova visão de sustentabilidade», Notícias Magazine/Jornal de Notícias, 16 de outubro de 2019, disponível em: https://www.jn.pt/noticias-magazine/artigo/decrescimento-uma-nova-visao-de-sustentabilidade/11413473

habitação operária, ilhas portuenses, complementadas por trabalho de campo, observações *in situ* do bairro, levantamento de dados sociais e análise das suas condições espaciais e urbanas.

Suceder-se-ão três capítulos principais, ao longo dos quais haverá momentos de reflexão, análise crítica e proposta de intervenção. Neste seguimento, o primeiro capítulo apresenta o enquadramento histórico e urbano da habitação operária na cidade do Porto, contextualizando o bairro em estudo, bem como sua morfologia. O segundo capítulo desenvolve, então, uma reflexão crítica sobre as problemáticas espaciais e sociais presentes no interior do quarteirão, onde o conceito de decrescimento assumir-se-á enquanto estratégia de intervenção urbana. Por fim, o terceiro capítulo, fundamentado por princípios de reutilização, requalificação e regeneração do tecido urbano existente, surgirá como proposta arquitetónica desenvolvida para a revitalização do Bairro Herculano.

CAPÍTULO 1 | A CIDADE DO PORTO ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

1.1. | Ilhas e bairros operários

Durante a segunda metade do século XIX, a cidade do Porto atravessou um período de profunda transformação urbana, económica e social até então marcada por uma estrutura fortemente enraizada no núcleo histórico e na zona ribeirinha, porém desorganizada. A cidade expandiu-se, seguindo novas morfologias decorrentes da era da industrialização. Neste contexto, a expansão foi marcada pelo crescimento da atividade de grandes indústrias e pela promoção de novas infraestruturas e novos eixos da rede viária, contribuindo para a reorganização da circulação da cidade e das dinâmicas territoriais.

A concentração de inúmeras fábricas e oficinas na cidade, atraiu uma grande quantidade de população trabalhadora vinda do mundo rural. A crise agrícola e a escassez de oportunidades impulsionavam muitas famílias à procura de trabalho no meio urbano. Consequentemente, a cidade do Porto registou um aumento significativo da população operária, mas o crescimento da cidade não era devidamente acompanhado por quaisquer políticas habitacionais que pudessem garantir uma estrutura adequada à população operária. A cidade não foi capaz de responder ao crescente desenvolvimento demográfico.

O aumento populacional tornou-se particularmente evidente nas últimas décadas do século XIX. A expansão da linha férrea e a melhoria das ligações territoriais facilitaram a chegada de novos habitantes, tornando a ocupação excessiva nas zonas industriais. Da mesma forma, verificou-se uma deslocação interna da população operária na própria cidade, como, por exemplo, deslocações em direção a áreas como o Bonfim, Fontainhas e a rua de São Vitor. Estas áreas da cidade do Porto tornavam-se mais favoráveis devido à sua proximidade aos locais de produção e também a disponibilidade de lotes de terrenos que favoreciam a instalação de núcleos de habitação operária, ainda que instáveis devido à insalubridade dos espaços. Contudo, o carácter frequentemente precário e instável destas construções,

associado ao processo rápido e urgente de ocupação, cooperou para uma densificação acelerada e, em muitos casos, desordenada da malha urbana.

Face a este crescimento, a falta de habitação tornou-se um dos principais problemas da cidade oitocentista. A população operária, sendo sujeita a salários mínimos ou reduzidos e à precaridade habitacional, carecia de alojamentos de renda baixa. Esta necessidade abriu espaço ao surgimento e à proliferação das chamadas "ilhas".



Figura 1 | Localização dos núcleos habitacionais na cidade do Porto

Para além das classes já referidas previamente, importantes para o crescimento urbano da cidade, também as instituições contribuíram para esse mesmo processo, sendo elas a Câmara Municipal, a Igreja e ordens religiosas. Todos estes intervenientes foram promotores, proprietários de solo e posteriormente de habitações, e sobretudo construtores.

Era fundamental respeitar certas condições para que as ilhas fossem rentáveis; os custos de construção, a proveniência do capital, as dimensões quer da ilha quer das casas em si e as rendas deveriam ser pensados tendo em vista o público-alvo, correndo o risco de se tornarem um fracasso.

As ilhas foram então a resposta às necessidades das classes laboriosas, numa sociedade onde aos mais abastados faltava iniciativa empresarial e às classes médias baixas empreendedoras capital suficiente para construir habitação com condições mínimas de habitabilidade.

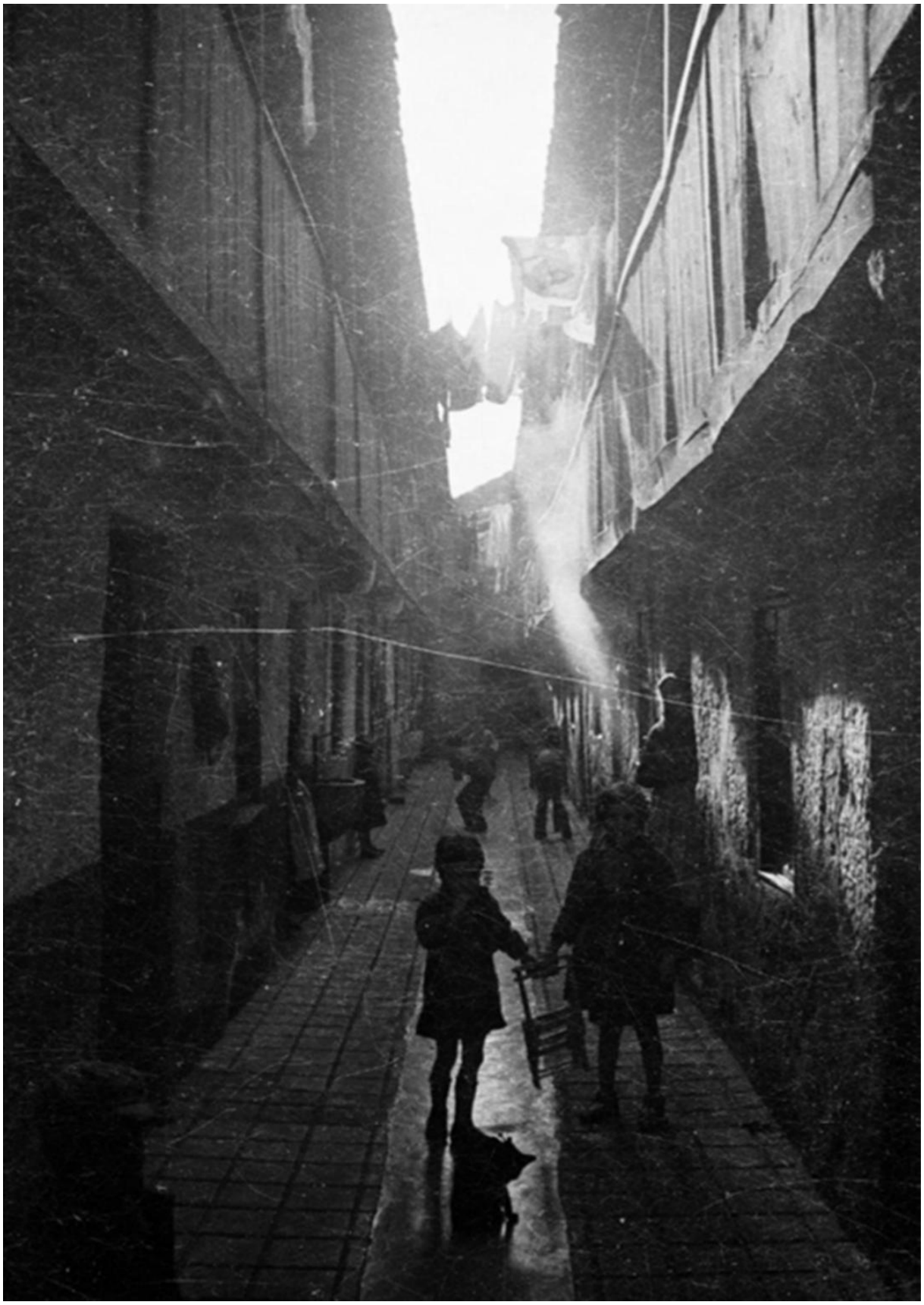


Figura 2 | Porto: "Ilha" da Rua de São Vítor, n.° 179. (Câmara Municipal do Porto, 1941)

O problema da habitação de baixa qualidade foi sendo resolvido através das ilhas como poderia ter sido resolvido através de qualquer outro tipo de habitação, desde que esta fosse barata.[4]

As ilhas foram uma solução estratégica para dar resposta imediata, à carência habitacional existente. A morfologia das ilhas foi, em grande parte, estabelecida no interior dos lotes burgueses. Estas eram, e ainda são, constituídas por uma casa principal, implantada à face da rua, reservada normalmente para proprietários ou "senhorio", enquanto os logradouros, estreitos e compridos existentes nas traseiras, eram progressivamente ocupados por pequenas habitações com cerca de 15m^2 mínimos destinadas à população operária. A morfologia destes aglomerados habitacionais era caraterizada por uma sequência densa de casas mínimas, servidas por corredores estreitos e por equipamentos comuns tais como os balneários coletivos. Em alguns casos, desenvolviam-se ao longo de uma única fila, noutros em duas filas paralelas distribuídas por um corredor linear central.

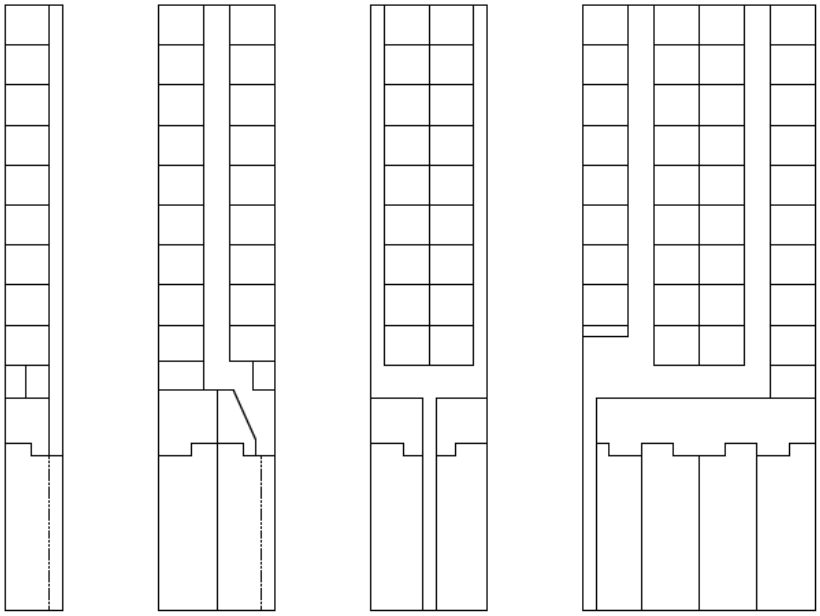


Figura 3 | Planta dos principais "tipos" de ilha

A burguesia encontrava assim uma forma de rentabilizar os seus terrenos, enquanto a classe operária encontrava uma habitação acessível, ainda que marcada pela insalubridade e sobrelotação. Esta relação

[4] OLIVEIRA, Cátia Sofia Taborda – *Habitação Operária. Proposta de Reabilitação: o caso das ilhas do Porto*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2015. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

hierárquica entre burguesia e classe operária revela uma dimensão social e económica fundamental para compreender a cidade do Porto neste período. As ilhas não eram apenas uma forma arquitetónica, mas uma expressão de uma estrutura social desigual. Por um lado, servia de resposta à necessidade urgente de acomodar trabalhadores próximos dos locais de produção, as indústrias. Por outro lado, funcionavam como mecanismo de exploração do solo urbano e da classe operária, na qual o mínimo investimento permitia obter grande proveito económico através do arrendamento de pequenas casas. Deste modo, constata-se que a habitação operária surgia como consequência direta das condições económicas da época, refletindo as hierarquias sociais presentes na cidade. Há uma configuração sobre estas, onde era notória uma clara separação entre a imagem urbana exterior, associada à fachada burguesa, e a realidade escondida no interior dos quarteirões.

Estas estruturas criaram formas próprias de vida coletiva. Com a proximidade entre casas, a partilha de instalações sanitárias e a dimensão estreita dos espaços de circulação geravam intensas relações de vizinhança, ainda que por vezes problemáticas, transformando a ilha num microcosmos social, fechado sobre si próprio. Porém, as ilhas são, na maioria dos casos, constituídas por áreas extremamente reduzidas, com fraca ventilação, iluminação insuficiente e ausência de infraestruturas adequadas. Da mesma forma, a existência de casas de banho coletivas, a falta de uma rede de abastecimento de água e as condições construtivas frágeis contribuíam para a insalubridade.

Neste sentido, torna-se possível compreender a existência de uma dualidade associada às ilhas operárias. Por um lado, estas refletiam uma resposta precária à crise habitacional provocada pela industrialização e pelo crescimento populacional, originando situações de sobrelotação e insuficiência estrutural. Por outro lado, estas constituíam simultaneamente uma das poucas soluções residenciais acessíveis para a classe trabalhadora, que, devido aos baixos rendimentos e à necessidade de proximidade aos centros industriais, viam-se sujeitos a habitar estes espaços.

Deste modo, as ilhas não podem ser analisadas exclusivamente como espaços de carência social, mas como estruturas urbanas capazes de gerar dinâmicas e identidade coletiva destes. Esta ambivalência torna-se particularmente relevante para a compreensão do caso de estudo, o Bairro Herculano, que se destaca pelas suas potencialidades. Apesar da sua estagnação, das suas fragilidades físicas e da degradação progressiva do edificado, este assume-se como possível espaço propício ao desenvolvimento de relações de proximidade, apropriação e identidade coletiva profundamente enraizadas no quotidiano dos seus habitantes.



Figura 4 | Fotografia da ilha do Porto

1.2 | As transformações contemporâneas e os processos de degradação

Com as transformações urbanas que a cidade do Porto foi atravessando ao longo do século XX, grande parte das estruturas habitacionais operárias permaneceu marcada por processos de abandono, degradação e fragmentação urbana, acentuando as suas precariedades. Enquanto determinadas áreas da cidade foram sendo, progressivamente, valorizadas e integradas nas novas dinâmicas de desenvolvimento urbano, outras permaneceram isoladas, consolidando-se como áreas marginalizadas e sucessivamente fragmentadas dentro do contexto da cidade contemporânea.

> A grande maioria das anomalias verificadas em revestimentos e acabamentos em edifícios antigos estão relacionadas com presença de água que humidifica os materiais e altera as suas propriedades e comportamento, afetando a durabilidade dos mesmos e a condição de habitabilidade dos espaços que constituem. Altera o aspeto dos edifícios e pode levar à sua degradação completa sem qualquer possibilidade de recuperação.[5]

Se, num primeiro momento, as transformações urbanas surgiram associadas ao crescimento industrial e à necessidade de concentração de mão-de-obra próxima das áreas de grande produção, nos dias de hoje estas estruturas revelam novas tensões decorrentes como a pressão urbana, a degradação do edificado antigo e a fragilidade deste modelo de habitar.

Esta contradição é essencial para compreender a degradação contemporânea destes espaços.

---

[5] OLIVEIRA, Cátia Sofia Taborda – *Habitação Operária. Proposta de Reabilitação: o caso das ilhas do Porto.* Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2015. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

No caso das ilhas e bairros operários, evidencia-se agora um grande isolamento urbano destes conjuntos, apresentando-se ocultos no interior dos quarteirões, afastados do quotidiano da cidade. Embora estejam evidentemente localizados em zonas centrais, estes núcleos habitacionais apresentam uma conexão fraca com o tecido urbano, com acessos estreitos e pouco visíveis.

Consequentemente, as ilhas permanecem, atualmente, à margem das principais estratégias de requalificação da cidade, num contexto em que a demolição e a construção nova se afirmam como abordagens predominantes no mercado imobiliário. A deslocação de populações, a mudança dos modelos de habitar, a pressão do turismo, bem como a reorganização das centralidades urbanas foram outros fatores determinantes para o reforço da deterioração destas ilhas.



Figura 5 | Condições Desumanas do Corredor da "Ilha" do Porto. (Câmara Municipal do Porto, 1960)

No presente trabalho, reivindica-se que as ilhas não devem ser reduzidas a estruturas obsoletas sujeitas exclusivamente aos processos atuais de construção. Neste contexto, a reabilitação e adaptação destas estruturas poderão representar, não só uma estratégia de preservação patrimonial, mas também uma oportunidade de reintegração urbana e social.

Assim sendo, as ilhas deixam de ser compreendidas apenas como vestígios de precariedade urbana, afirmando-se enquanto espaços com capacidade de transformação e a adaptação capazes de dar resposta às exigências habitacionais atuais.



Figura 6 | Fotografia da ilha do Porto



Figura 7 | Fotografia da ilha do Porto

1.3. | Bairro Herculano

Ao contrário de muitas ilhas portuenses, resultantes da ocupação progressiva e especulativa dos logradouros das casas burguesas, o Bairro Herculano apresenta uma morfologia mais planeada e organizada. Tem uma singularidade evidente quando comparado com a morfologia tradicional das ilhas operárias, geralmente constituídas por pequenos núcleos habitacionais de reduzida dimensão, ao longo dos quais se define o acesso linear único.

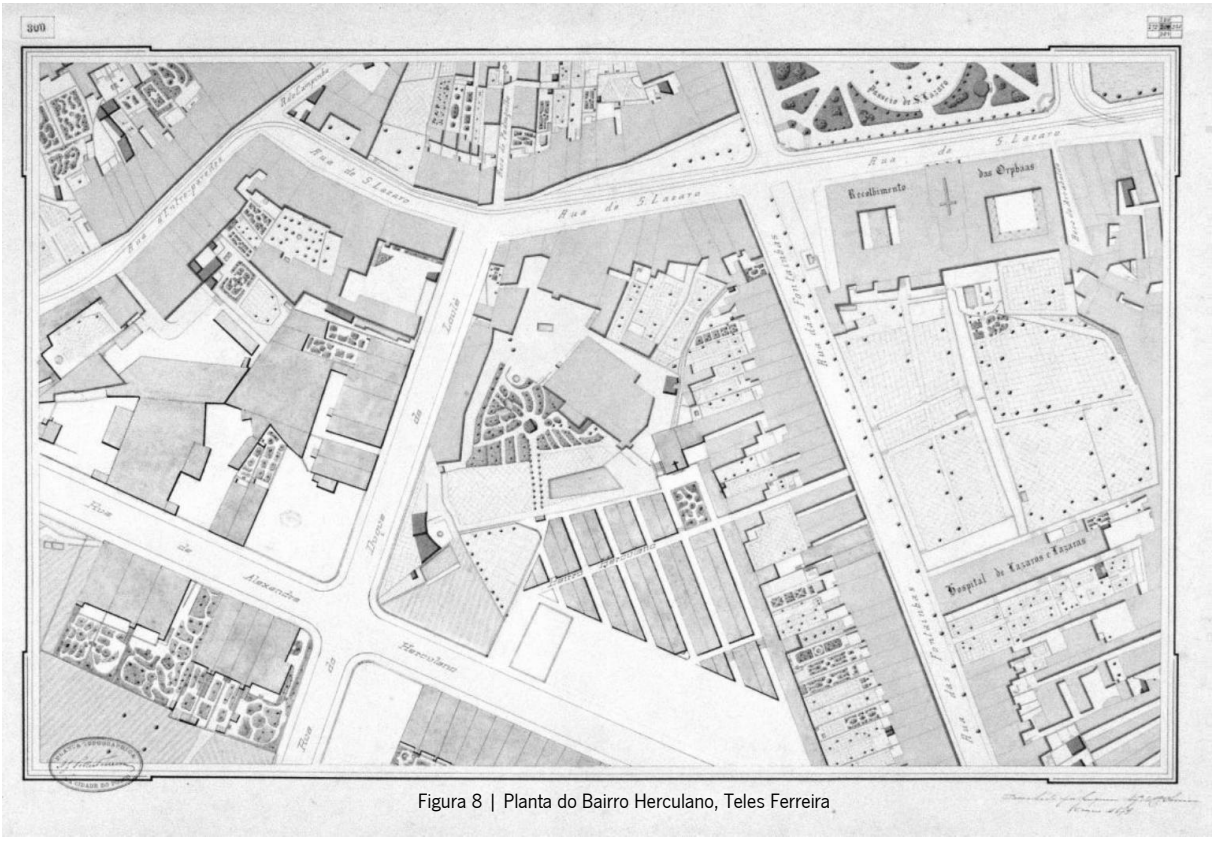


Figura 8 | Planta do Bairro Herculano, Teles Ferreira

O Bairro Herculano surge no final do século XIX, descrito como um grande terreno a seguir aos muros do jardim o qual antigamente era chamado a quinta e hoje está destinado para edificações e para a formação d'um bairro novo denominado – Bairro Herculano – tendo já cerca de setenta casas térreas e sobradas edificadas e em edificação[6], dentro de um contexto de forte transformação da cidade do Porto. A sua implantação provém de uma antiga quinta pertencente, segundo antigos registos, à família Pinto Bastos que terá reconhecido o potencial estratégico do terreno para a construção de um bairro operário que pudesse ser capaz de responder às necessidades da classe trabalhadora, e que, assim, tirasse partido da, então, abertura da rua Alexandre Herculano e da rua das Fontainhas.



Figura 9 | Desenho a óleo de Henrique Pousão, representando as obras de abertura da Rua Alexandre Herculano.
Reprodução fotográfica de Teófilo Rego

Para além da dimensão habitacional, o Bairro Herculano procurava estabelecer uma estrutura mais autónoma e organizada, integrando equipamentos e espaços coletivos capazes de apoiar o quotidiano dos seus habitantes. A presença de espaços comuns e de equipamentos coletivos permitia reforçar as relações de proximidade, estabelecendo uma dinâmica própria no interior do conjunto.

[6] TEIXEIRA, Manuel C., Habitação Popular Oitocentista, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 332

Desta forma, o bairro não se definia apenas enquanto solução habitacional, mas também enquanto estrutura social e urbana, onde o espaço coletivo assumia um papel central no quotidiano da população residente. Contudo, este, apesar de ter sido pensado para responder às necessidades da população trabalhadora de classe operária, acabou por não cumprir os seus princípios devido aos seus rendimentos, tornando assim num bairro para classe média, capaz de os sustentar.

> "As rendas oscilavam aí entre os 2000 e os 5000 réis mensais. Ora em muitas outras ilhas das proximidades os alugueres rondavam os 600-800 réis"[7]

[7] PEREIRA, Gaspar Martins, As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX in Família, Espaço e Património, Centro de Investigação, Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Porto: 2011, p. 477-493

1.3.1 | Morfologia e organização do quarteirão

Em contraste à morfologia comum das ilhas que eram constituídas, em média, por 10 a 20 casas, no ano 1886, o bairro já integrava 129 casas, um pequeno jardim, tanques, mercearia e capela, revelando-se mais complexo. Em 1989, o bairro continha num total de 142 casas.

Implantado no interior do quarteirão, o Bairro Herculano, distingue-se pela sua singularidade, funcionando como um microcosmo urbano dentro da cidade consolidada. Apesar da proximidade aos eixos urbanos, ele é simultaneamente oculto e parcialmente desligado da envolvente urbana.

> Surge, assim Bairro Herculano, como a "cidade atrás do muro", um núcleo habitacional capaz de surpreender quem o visita e capaz de reter as mais próprias memórias a quem o habita. Ao atravessar a estreita rua que une as duas entradas do bairro, vamo-nos apercebendo de um microcosmos repleto de singularidades.[8]

Deve, por isso, ser entendida como uma exceção dentro do campo de habitação operária portuense. Embora seja classificado como "ilha", o Bairro Herculano distingue-se pela sua escala, pela regularidade do traçado e pela presença de equipamentos internos, embora inativos.

No interior do quarteirão, a sua estrutura não se limita a um simples corredor de acesso, mas induz um conjunto de arruamentos que forma uma rede viária ortogonal com sete arruamentos (numeradas de 1 a 6), sendo um deles o corredor principal (Rua Central do Bairro Herculano) que une ambas entradas e que, por sua vez, distribui às restantes ruas, configurando pequenos conjuntos habitacionais.

---

[8] MAGALHÃES, Sofia Monteiro Coelho de – *Bairro Herculano: Novo Estrato num Processo de Sedimentação*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017.



Figura 10 | Vista da Rua Central do Bairro Herculano



Figura 11 e 12 | Fotografias dos arruamentos do Bairro Herculano

Esta condição confere ao bairro uma dupla natureza. Por um lado, partilha com as ilhas a interioridade, a densidade e a relação com a habitação operária. Por outro, aproxima-se de uma ideia de bairro enquanto unidade urbana autónoma, com ruas, espaços comuns e equipamentos (atualmente inativos ou degradados). As casas, apesar de construídas e pensadas na mesma altura, ao longo dos anos foram sendo modificadas pelos seus moradores, tanto em termos de conforto como também estéticos. Estas apresentam cores diferentes, permitindo a distinção rápida a quem pouco conhece o bairro.

O bairro encontra-se numa zona relevante, não distante do centro da cidade, e próximo de equipamentos essenciais para os habitantes, assim como de transportes e áreas de grande circulação, mas a sua estrutura interna permanece pouco articulada com esses fluxos urbanos, por ser fechado para o exterior.

Do ponto de vista habitacional, o Bairro Herculano revela ainda a tensão entre planeamento e transformação. Embora tenha sido construído com uma organização inicial relativamente clara, o tempo introduziu sucessivas alterações como a excessiva compactação e densificação dos lotes, condicionando modos de vida, relações sociais e processos de degradação.

Desta forma, o Bairro Herculano constitui um caso fundamental para pensar a habitação operária no Porto. A sua evolução contemporânea mostra que a qualidade inicial do desenho não impediu a degradação, o isolamento e a fragilização dos espaços comuns.

A perda de alguns equipamentos coletivos, a falta de manutenção e a pressão exercida pelas transformações urbanas da cidade contribuíram para acentuar a sua fragmentação. Embora, ainda persistam fortes relações de vizinhança, apropriação e identidade coletiva, o seu valor ultrapassa a dimensão exclusivamente material.

Deste modo, a morfologia e a organização do Bairro Herculano devem ser compreendidas não apenas enquanto configuração física, mas também enquanto estrutura social e urbana. A forma como o bairro se implanta no interior do quarteirão, a fluidez e flexibilidade entre os espaços coletivos e as habitações, bem como a tensão permanente entre interioridade, comunidade e isolamento, tornam-no um caso particularmente relevante para repensar como intervir neste tipo de lugar sem apagar aquilo que lhe confere identidade.



Figura 13 | Fotografia da Rua 4 do Bairro Herculano

2.1| Análise crítica do tecido urbano

O Bairro Herculano carateriza-se não somente pela sua estrutura habitacional operária particular, mas também por um conjunto de problemáticas espaciais, embora vulneráveis. Ainda nos dias de hoje, apesar da sua relevância social e da forte identidade comunitária construída desde a sua génese, o bairro expõe fragilidades físicas, funcionais e urbanas que condicionam a relação entre o conjunto habitacional e a cidade envolvente.



Figura 14 | Fotografia aérea do quarteirão (Google Earth)

Este posiciona-se de forma particularmente oculta da malha urbana exterior, dado que se encontra implantado no interior do quarteirão, isolado das dinâmicas urbanas externas. Em consequência desta condição, o bairro desenvolveu-se como uma estrutura social autónoma, dissociada do espaço exterior. Os acessos reduzidos, a limitada permeabilidade do quarteirão e a própria configuração compacta do conjunto contribuem para reforçar uma sensação de isolamento físico e visual relativamente à cidade.

> Desde a construção do Bairro Herculano, até aos dias de hoje, esta zona da cidade continuou a evoluir, e a adquirir um carácter mais central, dentro da cidade do Porto. Foram abertas ruas, e o edificado começou a garantir um carácter mais consolidado. (...) Podemos constatar que quando o Bairro foi construído a zona em si já era bastante central e com bastantes recursos e que, na actualidade, apesar de esta zona se considerar a "esquecida" do Porto, na verdade, é uma zona bastante central, onde quase tudo se pode encontrar na sua envolvente. [9]



Figura 15 | Entrada do Bairro Herculano a partir da Rua das Fontainhas



Figura 16 | Rua Principal do Bairro Herculano

[9] MAGALHÃES, Sofia Monteiro Coelho de – *Bairro Herculano: Novo Estrato num Processo de Sedimentação*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017.

Por se tratar de uma estrutura urbana encerrada, na qual os percursos de circulação comprometem os fluxos de atravessamento, o quarteirão revela-se pouco permeável. Este contexto contribui para a supressão das relações de proximidade entre a comunidade residente e o espaço urbano exterior, impedindo a sua integração na dinâmica social da cidade.

Paralelamente, a envolvente do bairro foi sendo gradualmente negligenciada, verificando-se, pouco a pouco, uma ausência de intervenções na área da requalificação e manutenção urbana. Os espaços que, anteriormente, constituíam lugares de encontro e permanência de moradores, atravessaram processos de abandono, pois desprovidos de qualquer atividade significativa, foram sendo substituídos por novas estruturas habitacionais, tornando o espaço cada vez mais compacto. Por sua vez, espaços anexos ao bairro como a antiga garagem da rua Duque de Loulé, após o encerramento da sua atividade, mantiveram-se, até aos dias de hoje à margem de qualquer valorização. Embora o bairro tenha surgido como uma estrutura que o diferencia do modelo tradicional das ilhas operárias, a ausência de intervenções contínuas de reabilitação contribuiu, deste modo, para acentuar processos de deterioração tanto física e funcional.

Embora, estas fragilidades tenham coexistido com uma forte dimensão comunitária ainda presente no quotidiano do bairro, a apropriação dos espaços comuns e a permanência de relações de vizinhança desempenharam um papel determinante na construção da identidade coletiva do conjunto habitacional.

Como referido, o bairro é caraterizado também pelos seus corredores ortogonais, que foram, ao longo dos anos, lugares de celebração e convivência comunitária. Exemplo disto eram as tradicionais festividades do São João, que tomavam parte destes espaços de uso coletivo, atraindo não só os moradores como também as suas famílias e visitantes que, por estes dias, se faziam presentes nestes encontros, eternizando a identidade do Bairro Herculano.

Embora os festejos tenham crescido um pouco por toda a cidade, há portuenses que não trocam as Fontainhas por outro local. No Bairro Herculano, ali perto, vive-se o São João mais popular.

Há fogueiras, alhos-porros e manjericos com versos caricatos. As decorações a cada porta convidam a entrar. Quase ninguém está em casa. A festa é nas estreitas ruas do bairro e nem a música nos

Aliados ou o fogo de artifício à beira-rio convence os moradores a abandonarem o refúgio atrás da Rua de Alexandre Herculano.[10]

No entanto, as sucessivas fragilidades espaciais e habitacionais, o envelhecimento da população residente, a deslocação de diversas famílias e a ocupação excessiva de determinadas habitações contribuíram progressivamente para a perda destas práticas comunitárias. Deste modo, a degradação física do bairro não se reflete apenas na deterioração material do edificado, mas também no enfraquecimento gradual de determinadas formas de convivência coletiva.

Assim, as problemáticas espaciais presentes no Bairro Herculano ganham relevância no reconhecimento das fragilidades existentes no interior do quarteirão, mas também na identificação do potencial de transformação associado à reconfiguração espacial e urbana do bairro.



Figura 17 | Fotografia das festividades no bairro



Figura 18 | Fotografia das festividades no bairro

[10] SCHRECK, Inês; LIMA, Tiago – "O Bairro Herculano já não tem portões, mas continua a ser o segredo mais bem guardado da Invicta". JPN, 12 de junho de 2018. [Consult. 22 mai. 2026]. Disponível em: https://www.jpn.up.pt/2018/06/12/o-bairro-herculano-ja-nao-tem-portoes-mas-continua-a-ser-o-segredo-mais-bem-guardado-da-invicta/.

2.1.1| O quarteirão como estrutura fragmentada

Na sequência do abordado, o Bairro Herculano expõe vulnerabilidades que refletem a configuração do quarteirão e na forma como este se relaciona com a cidade envolvente. No tecido urbano da cidade do Porto, torna-se evidente que o quarteirão é constituído por um encadeamento de fragmentos que comprometem a qualidade espacial do bairro, dificultando a leitura de um conjunto urbano coeso e articulado.

Assim desta forma, é possível enunciar os parâmetros que, por si, fazem parte da constituição do quarteirão em que se insere o Bairro Herculano, sendo eles a rede viária extremamente condicionada pela compactação habitacional, a fragilidade ou inexistência de espaços derivados de uso público e a ausência de infraestruturas de equipamento coletivo.

Na articulação entre o espaço interior e exterior, os dois acessos existentes no bairro assumem-se como pontos de transição entre a vivencia comunitária e as dinâmicas urbanas exteriores. No entanto, estas estreitas entradas revelam-se insuficientes aos olhos do público externo, não garantindo uma continuidade que integre este núcleo interior ao tecido urbano envolvente. Do mesmo modo que não promovem a permeabilidade e fluidez com a restante extensão do quarteirão, acentuando um maior isolamento do bairro.

Embora também possua diversos eixos de circulação, a rede de circulação pedonal interna do próprio bairro apresenta-se extremamente condicionada, sendo esta pouco permeável para atravessamentos. De tal forma, as excessivas compactações de aglomerados habitacionais causam atritos nas relações de proximidade entre residentes. Em virtude do estreitamento e da sua malha extremamente densa, devido à ocupação excessiva de casas, é condicionada, nestes corredores, a coexistência de lugares de apropriação coletiva, encontro e vivência comunitária.

Paralelamente, a organização ortogonal dos corredores contribui para uma certa rigidez espacial, onde a repetição contínua de percursos estreitos destaca a ausência de hierarquias claras entre circulação e possíveis espaços verdes de permanência e encontro. Consequentemente, muitos destes percursos apresentam sinais de desgaste físico, desqualificação espacial, sobretudo na ausência de zonas permeáveis.

No quarteirão, esta fragilidade torna-se percetível quando reconhecemos a relação do mesmo com os espaços destinados ao uso público. Apesar da existência de espaços para apropriação pública, estes apresentam-se destituídos de vitalidade urbana, atuando como fragmentos encerrados dentro de uma grande massa edificada. A própria configuração compacta do quarteirão, associada aos acessos limitados e à reduzida permeabilidade do conjunto, contribui progressivamente para a invisibilidade destes espaços relativamente à cidade envolvente. Estes, enquanto lugares de encontro e de utilização coletiva, tornam-se isolados e irreconhecíveis, desarticulando-se das dinâmicas urbanas exteriores, contribuindo para o enfraquecimento da relação entre comunidade e espaços urbanos.

Esta condição prolonga-se igualmente para o interior do Bairro Herculano. Cenário em que a progressiva ocupação do quarteirão e a densificação contínua da massa edificada conduziram à extração significativa dos espaços permeáveis anteriormente existentes no interior do bairro. Outrora, este possuía áreas qualificadas e destinadas ao uso público, como um grande jardim central, foram gradualmente ocupadas por novas construções, impulsionadas pela crescente necessidade de alojamento decorrente na era da industrialização. E como reflexo desta condição, a dualidade entre o "ocupado e vazio" sofreu um gradual declínio, resultando num bairro com uma estrutura urbana que carece de fluidez espacial.

Da mesma forma que a ausência de equipamentos coletivos constitui igualmente uma das principais fragilidades presentes no quarteirão onde se insere o Bairro Herculano. Embora inserido numa zona central no tecido urbano do Porto, a zona das Fontainhas, este compromete as necessidades do quotidiano dos residentes por não dispor capacidade suficiente de serviços públicos.

Neste conjunto habitacional, verifica-se uma significativa concentração de população idosa ou com mobilidade reduzida, a qual é compelida a deslocar constantemente a estruturas e serviços exógenos ao bairro num raio de 250 a 500 metros. Posto isto, a escassez de equipamentos básicos integrados no próprio quarteirão, como espaços comerciais, lavandarias, cafetarias ou pequenas mercearias torna-se particularmente limitadora para a população residente, agravando a dependência do exterior e a fragilidade funcional do Bairro Herculano.

O quarteirão, para além da reduzida proximidade de equipamentos coletivos, possui, atualmente desativadas, algumas estruturas de maior dimensão, contribuindo ainda para a fragmentação espacial e funcional do conjunto urbano. A antiga garagem da Rua Duque de Loulé e a antiga capela do Bairro Herculano assumem-se particular relevância enquanto exemplos de massa edificada em abandono e desprovidas da sua função ativa dentro da estrutura urbana existente. De forma semelhante, a existência de outros espaços culturais como a associação cultural Auditório CCOP, apesar da sua presença no conjunto, encontram-se desarticuladas com o Bairro Herculano e com os espaços públicos envolventes. É ainda de salientar que a presença de barreiras físicas e limites claramente definidos como muros e vedações reforçam também a dissociação entre estas estruturas coletivas e culturais com a estrutura urbana do bairro, impedindo a criação de relações de continuidade, atravessamento e apropriação coletiva.

Em síntese, o quarteirão desenvolve-se através de uma sucessão de frações autónomas e pouco articuladas entre si, onde equipamentos coletivos, espaços públicos e habitação coexistem sem estabelecer relações urbanas verdadeiramente integradoras.

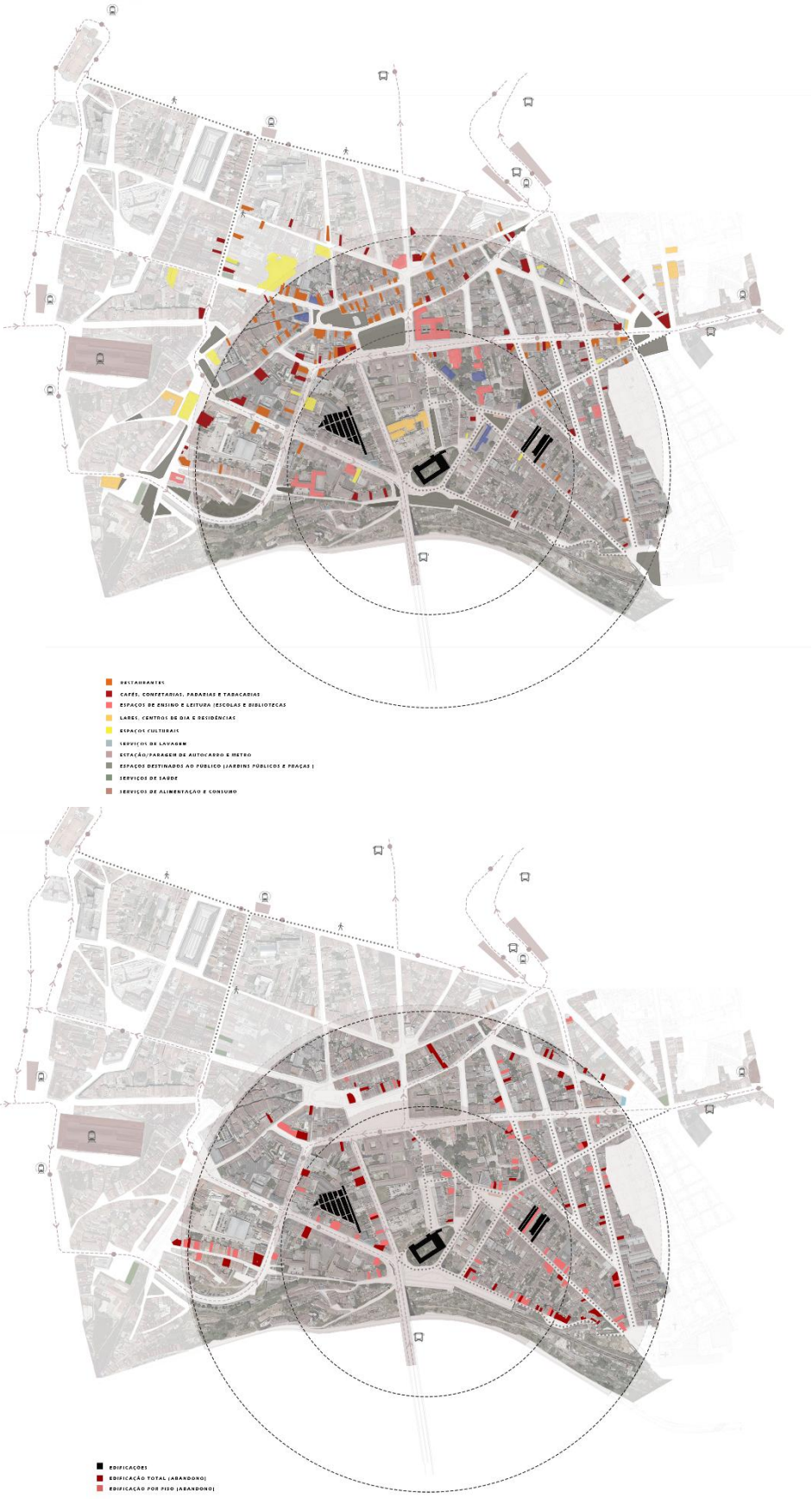


Figura 19 | Registos em contexto de atelier integrado (trabalho realizado por Marco Oliveira, Nuno Fernandes e Tiago Rocha)

2.1.2. | A influência da estrutura urbana nas vivências sociais e quotidiano

Desde a sua génese, a disposição espacial da própria estrutura do bairro determinou as formas de interação entre os habitantes, bem como a sua relação com o próprio espaço urbano envolvente.

As relações de vizinhança e dinâmicas diárias do quotidiano dos residentes refletiam fortes dimensões comunitárias, em resultado da densificação do bairro, da proximidade entre habitações e da reduzida dimensão dos percursos de circulação. Neste contexto, o espírito coletivo da comunidade assumia um papel fundamental no dinamismo do bairro, não se limitando apenas nos eixos de circulação, mas estendendo-se a partir do próprio espaço doméstico ao tecido social do bairro.

> As portas, constantemente abertas, caracterizam, assim, a relação de vizinhança próxima que ali existe, como se fosse uma grande família. Das portas ouvem-se as conversas, a música do rádio, os programas televisivos e assim se compõe o ambiente para quem percorre o bairro. As roupas estendidas também preenchem aquelas ruas criando assim uma dinâmica que flui ao movimento do vento que por ali passa.[11]

No bairro, é constantemente notório uma apropriação dos espaços coletivos pelos moradores que deles tiram proveito para as suas dinâmicas do quotidiano. Esta circunstância baseava-se na proximidade física, relações de entreajuda e convivência comunitária entre as pessoas residentes e não residentes,

[11] MAGALHÃES, Sofia Monteiro Coelho de – *Bairro Herculano: Novo Estrato num Processo de Sedimentação*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017.

consolidando uma clara expressão de identidade num espaço social relativamente autónomo dentro da cidade densificada.

Durante várias décadas, estes espaços, nomeadamente os corredores e arruamentos interiores, caraterizavam-se não só pela sua funcionalidade, mas como catalisadores de práticas comunitárias enraizadas no bairro. Para além disso, estruturavam-se como estruturas de agregação e permanência da população não só residente, como de familiares e visitantes que atravessavam o bairro e se faziam integrar nas suas dinâmicas sociais. Esta realidade era particularmente evidente durante as épocas festivas tradicionais do Porto, o São João, tal como retratam os moradores mais antigos.

Ao referir que é uma "filha do bairro", frisa a sua forte ligação com este e com a vizinhança e, refere que é quase uma "família". Menciona que adora viver ali e que era incapaz de ir viver para outro lugar. Para enfatizar o facto de o bairro ter um ambiente bastante agradável e uma óptima relação de vizinhança, (..)[12]

Contudo, estas práticas sociais e coletivas foram sofrendo um gradual enfraquecimento, devido às transformações urbanas do bairro e do seu contexto urbano circundante. O envelhecimento progressivo da população residente, a deslocação de diversas famílias e a degradação física de parte do edificado comprometeram-se com a vitalidade do espaço, contribuindo para um enfraquecimento da identidade social anteriormente consolidada no interior do quarteirão. Da mesma forma, também outros fatores contribuíram para a segregação do Bairro Herculano, a pressão sobre os territórios históricos, a valorização crescente dos centros urbanos, a especulação imobiliária e a expansão da atividade turística têm despoletado rápidas transformações urbanas no bairro.

Face a esta realidade, muitas das práticas coletivas anteriormente associadas à vivência quotidiana do bairro têm vindo a desaparecer. A utilização dos espaços comuns tornou-se mais limitada, os lugares de encontro perderam a sua essência, enquanto espaços de apropriação coletiva e determinadas tradições culturais como as festas de São João, deixaram gradualmente de ocupar o espaço do Bairro Herculano com a mesma intensidade verificada em décadas anteriores.

---

[12] MAGALHÃES, Sofia Monteiro Coelho de – *Bairro Herculano: Novo Estrato num Processo de Sedimentação*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017.

A degradação física do conjunto habitacional passou, deste modo, a refletir-se não apenas na deterioração material do edificado, mas também no enfraquecimento gradual das relações sociais e comunitárias que anteriormente estruturavam a vivência quotidiana do Bairro Herculano. Ainda que presentes estas fragilidades, persistem ainda hoje no bairro algumas formas de apropriação coletiva e relações de proximidade profundamente enraizadas na memória e no quotidiano dos habitantes, porém reduzidas. Alguns moradores mais antigos, embora em pequeno número, reconhecem ainda hoje o número de porta, outros mantêm ainda o hábito de se reunirem sentados na soleira das suas portas à conversa com os vizinhos e por quem ali passa.

A permanência de uma forte identidade comunitária demonstra que o valor do Bairro Herculano ultrapassa a sua dimensão exclusivamente física ou arquitetónica, encontrando-se igualmente associado às dinâmicas sociais e às formas de convivência construídas ao longo do tempo.



Figura 20 | Ilustração das dinâmicas do Bairro Herculano

2.2| O decrescimento como estratégia crítica de intervenção urbana

Face ao tecido urbano consolidado, o Bairro Herculano incorpora uma sequência de fragilidades tanto, espaciais, como sociais e funcionais. Deste modo, torna-se importante repensar no modo como intervir neste conjunto habitacional.

Dentro do contexto contemporâneo, onde a arquitetura é marcada pela rápida expansão da construção, pela pressão imobiliária e pela constante substituição de edificado, o conceito de decrescimento surge como uma abordagem crítica na contestação dos paradigmas convencionais de transformação urbana. O decrescimento compreende-se então como uma valorização do existente, na reutilização consciente dos recursos e na preservação das relações sociais e espaciais construídas ao longo do tempo.

O decrescimento privilegia estratégias de regeneração e qualificação do existente em oposição à demolição excessiva e expansão descontrolada. Desta forma, o princípio do decrescimento pressupõe a reestruturação e requalificação como mote para progresso no âmbito teórico e prático da arquitetura. Em contraponto às novas edificações e processos de demolição, esta abordagem defende intervenções mais conscientes, seletivas e sensíveis, valorizando a capacidade de adaptação das estruturas existentes.

Devido aos parâmetros identificados no Bairro Herculano, este torna-se particularmente relevante, na medida que este possui uma forte identidade coletiva e relações sociais profundamente enraizadas no quotidiano dos habitantes.

Neste contexto, a possibilidade de recorrer à demolição do conjunto habitacional como resposta às carências existentes revela-se, ainda que possível, uma solução contraditória. Ao privilegiar a demolição, esta implicaria, de forma insensível, não apenas a perda da estrutura construída, como também o apagamento da memória coletiva, das relações de vizinhança e da própria identidade social associada ao bairro. Portanto, a necessidade de "construir mais" perde a sua pertinência, centralizando-se, assim,

antes na questão de transformar, requalificar e reutilizar aquilo que já faz parte da estrutura urbana consolidada. Assim, o objetivo não deve concentrar na eliminação total do bairro, mas antes na sua reconfiguração e adaptação às necessidades contemporâneas, ainda que, em algumas situações de degradação, possa ser justificável a sua demolição seletiva para um melhor conforto espacial e segurança das construções.

Paralelamente, a reutilização de estruturas atualmente abandonadas ou desativadas constitui, assim, um potencial estratégico, no qual reforça a vitalidade e recuperação urbana e social do Bairro Herculano.

No Bairro Herculano, a possibilidade de reconversão de estruturas abandonadas ou subutilizadas, como a antiga garagem da Rua Duque de Loulé e determinados espaços de uso coletivo que se encontram atualmente inativos, promove a sua adaptação a novos usos, tornando-os lugares que incorporam em si mesmos, não só as dinâmicas do bairro, como também a continuidade do tecido urbano interno do quarteirão. Para uma melhor promoção à vivencia comunitária e relação entre o bairro e cidade envolvente, esta lógica decrescente pode articular a incorporação de novas funções e programas coletivos, culturais ou comunitários dentro do mesmo.

No caso do Bairro Herculano, esta abordagem permite reconhecer que a regeneração urbana pode surgir não através da eliminação total daquilo que existe, mas precisamente através da capacidade de transformar, adaptar e reativar as estruturas, os espaços e as dinâmicas já presentes no interior do quarteirão.

CAPÍTULO 3 | A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

3.1| Estratégias e âmbitos para o bairro operário

No decurso da investigação, identificaram-se fragilidades de cariz espacial, social e urbano, suscitando assim a elaboração de uma proposta de revitalização do Bairro Herculano. A estratégia delineia-se a intervir na reativação das relações entre este e o quarteirão, a comunidade residente e a sua envolvente. A intervenção procura, assim, compreender o bairro enquanto objeto de estudo, também suporte de memória, identidade e formas de apropriação coletiva que permanecem ainda presentes no quotidiano dos habitantes.

A condição fragmentada do quarteirão, a reduzida permeabilidade dos acessos, a ausência de espaços públicos qualificados e a desarticulação entre equipamentos e tecido habitacional tornam-se aspetos fundamentais para a definição da intervenção urbana.

Neste enquadramento, as fragilidades possibilitaram o reconhecimento de potencialidades, que contribuam para o desenvolvimento da proposta. Desta forma, a estratégia também tem como intuito reforçar a continuidade espacial entre o interior do bairro e a cidade consolidada, promovendo novas relações de atravessamento, permanência e utilização coletiva do espaço urbano através da demolição consciente de habitações em estado de degradação, tendo em conta o realojamento dos respetivos habitantes. A intervenção fundamenta-se igualmente nos princípios do decrescimento enquanto abordagem crítica de transformação urbana, defendendo uma atuação baseada na reutilização, adaptação e requalificação do tecido construído existente. Em simultâneo, esta responde às exigências contemporâneas da habitação e da vivência urbana, privilegiando uma lógica de regeneração progressiva capaz de preservar a identidade do lugar.

A estratégia desenvolve-se, a partir, de três componentes determinantes de projeto. Estes implicam, assim, uma nova estruturação da rede de circulação e dos atravessamentos urbanos, a reconfiguração de espaços públicos e reforço da valorização de estruturas existentes (atualmente desativadas) como novos equipamentos de apoio à comunidade.

A introdução de novos percursos e ligações procura reduzir a compactação excessiva verificada e o isolamento do bairro, implementando assim uma maior articulação e permeabilidade com o quarteirão e a cidade. Paralelamente, a requalificação dos espaços de permanência e convivência coletiva como os jardins desprovidos da malha urbana do quarteirão e do bairro, e a recuperação de pequenas áreas implementadas no bairro, pretenderam ampliar formas de apropriação comunitária anteriormente presentes no bairro, reforçando, assim, as relações sociais e o sentido de pertença dos moradores. Por último, a terceiro componente e foco central do projeto, assenta em certos elementos existentes no interior do quarteirão que assumem particular relevância enquanto estruturas capazes de impulsionar novas dinâmicas urbanas e comunitárias.

O projeto da antiga garagem da Rua Duque de Loulé destaca-se como um dos principais elementos estruturadores da proposta, não pela sua grande dimensão, mas pela capacidade de conter e estabelecer relações de continuidade entre o bairro e a cidade. A reutilização deste espaço possibilita a introdução de novos programas e estabelece diversas formas de utilização coletiva que sejam capazes de promover maior vitalidade urbana, reforçando simultaneamente a articulação entre habitação, espaço público e a comunidade.

Deste modo, a proposta de revitalização do Bairro Herculano, enquanto simples recuperação física do edificado, pretende, sobretudo, reativar relações espaciais, sociais e urbanas fragilizadas ao longo do tempo, defendendo uma abordagem baseada na continuidade, reutilização e regeneração do tecido urbano existente.

3.1.1 | Reestruturação da rede de circulação pedonal

O Bairro Herculano distingue-se do modelo convencional das designadas "ilhas" não apenas pela sua escala significamente superior, mas pela sua estrutura de circulação interna existente.

Todavia, a sua estrutura ortogonal constitui um dos principais elementos responsáveis pela sua fragmentação espacial e pelo isolamento progressivo do conjunto habitacional relativamente ao quarteirão e à cidade envolvente. Não obstante a diversidade da sua malha de percursos interiores, a configuração morfológica atual do bairro apresenta uma reduzida permeabilidade urbana. Adicionalmente, a excessiva compactação inibe o desenvolvimento de dinâmicas sociais robustas entre os residentes, dada a manifesta escassez de espaços de convivência e uso coletivo. Os acessos existentes, para além de limitados, revelam-se insuficientes para garantir continuidade espacial e integração urbana, reduzindo os atravessamentos pedonais.

Face a este contexto, a proposta de intervenção procura desenvolver uma nova lógica de circulação e atravessamento urbano, capaz de reforçar a articulação entre o Bairro Herculano, o quarteirão e a cidade contemporânea. A estratégia procura redefinir uma forma de possibilidade para o bairro se relacionar com o espaço urbano envolvente (quarteirão e a cidade), onde promova uma maior continuidade física, visual e funcional entre os diferentes espaços atualmente existentes no interior do quarteirão.

Deste modo, a reorganização da rede de circulação pedonal surge como uma necessidade fundamental para recuperar relações espaciais fragilizadas ao longo do tempo. Os corredores existentes, embora estruturantes para a organização interna do bairro e dinâmicas sociais, apresentam-

se frequentemente estreitos, rígidos e desprovidos de hierarquias espaciais, dificultando não apenas os atravessamentos, mas também a permanência e convivência entre os moradores e visitantes.

A proposta assenta, assim, na criação de novos acessos que sejam capazes de reduzir o isolamento do bairro e estabelecer relações mais diretas com a envolvente urbana. Propõe-se, para o efeito, uma abertura de novo percurso perpendicular ao corredor principal. Esta intersecção de eixos viários reforça assim a permeabilidade e fluidez espacial, integrando de forma mais eficaz o bairro ao seu quarteirão.

A este novo acesso perpendicular, acresce, nesta proposta estratégica, a criação de outros canais alternativos de circulação que destacam o desempenho da nova malha viária, garantindo uma articulação coerente. Apesar dos princípios do decrescimento oporem-se aos processos de demolição excessiva no tecido urbano consolidado, a proposta reconhece que, em determinadas situações, a remoção seletiva de algumas habitações se torna necessária para garantir uma regeneração urbana mais equilibrada do Bairro Herculano.

Neste sentido, os atravessamentos deixam de assumir exclusivamente uma função de circulação, passando também a desempenhar um papel estruturador na reorganização das dinâmicas urbanas e comunitárias do bairro.

A reorganização da rede viária procura igualmente estabelecer novas hierarquias espaciais no interior do bairro. Enquanto, atualmente, grande parte dos percursos se encontra limitada à função exclusiva de circulação, a proposta procura reafirmar que determinados corredores de exclusiva circulação e atravessamentos podem assumir o papel de lugares de dimensão social, de encontro e convivência coletiva (as pessoas podem interagir nestes espaços “descomprimidos”).

Desta forma, entende que, dentro do Bairro Herculano, a circulação passa a ser percecionada não apenas como elemento funcional, mas também suporte de vivências sociais e comunitárias no seu interior, em simultâneo, com o quarteirão.

Com o objetivo de reforçar a circulação pedonal e a continuidade entre os diferentes níveis de cota entre o bairro e o quarteirão, assume-se o “re-uso” e conversão de uma capela inativa numa nova escadaria principal de acesso público, A estrutura existente da capela segue, agora, uma nova função, onde integra, de forma articulada, com a rede viária do conjunto habitacional e espaços do quarteirão localizados numa cota superior, aproximadamente três metros acima do nível do bairro.

Neste contexto, a estratégia de revitalização do bairro induz, assim, a redução da rigidez espacial dos percursos e a ampliação de atravessamento, possibilitando melhores condições de apropriação

coletiva do espaço urbano do bairro e quarteirão, promovendo ambientes mais favoráveis à convivência quotidiana entre moradores e visitantes.

Do mesmo modo, a reestruturação da rede viária procura reforçar a ligação entre o Bairro Herculano e os espaços de uso público "mortos" presentes no interior do quarteirão. Esta articulação entre percursos e espaços públicos permite consolidar novas centralidades urbanas capazes de impulsionar diferentes dinâmicas sociais e comunitárias.

Neste sentido, a malha existente do bairro deixa de assumir exclusivamente uma função funcional de atravessamentos, afirmando-se como um dos elementos estruturadores da proposta de revitalização urbana do próprio bairro. A reorganização da rede viária procura, assim, consolidar novas relações de continuidade entre os diferentes fragmentos existentes no interior do bairro, juntamente com o quarteirão, promovendo maior permeabilidade e articulação com a cidade envolvente.

Deste modo, a proposta pretende romper com o isolamento e fragmentação, atualmente, presentes no Bairro Herculano, defendendo uma abordagem baseada na continuidade urbana e na reativação comunitária. A intervenção procura transformar a forma como o bairro é vivido, atravessado e apropriado, reforçando a sua integração nas dinâmicas contemporâneas da cidade e contribuindo para a regeneração do tecido urbano.

3.1.2 | Reconfigurar o espaço público

Na sequência da reorganização da rede viária, onde introduz-se novos atravessamentos urbanos, a proposta procura igualmente redefinir a relação entre o Bairro Herculano e os espaços de utilização pública, atualmente existentes, no quarteirão.

A estratégia segue-se complementar, visto que a reconfiguração do espaço público surge, não de forma isolada, mas articulada com a nova estrutura de circulação, permitindo consolidar relações de continuidade entre os diferentes espaços urbanos presentes no interior do quarteirão.

Dado continuidade ao que foi referido, grande parte dos espaços públicos existentes no quarteirão caracteriza-se pela sua ausência de vitalidade urbana e pela reduzida capacidade de apropriação coletiva, sendo assim intitulados de espaços "mortos". Estes espaços apresentam-se envoltos por massas edificadas compactas, desarticulados da malha do próprio e destituídos de qualquer relação efetiva com os arruamentos do Bairro Herculano. Por outro lado, a presença de áreas permeáveis no interior do bairro também se apresenta reduzida, devido à compactação excessiva do mesmo.

A proposta parte-se do princípio da reativação destes espaços, integrando estes juntamente com a nova estrutura viária do bairro, formando assim os espaços coletivos e de apropriação pública. Deste modo, os espaços coletivos do quarteirão deixam de se apresentar como obejtos isolados e fragmentados, convertendo-os dentro de uma lógica urbana mais permeável, fluida e articulada com os diferentes percursos e dinâmicas do conjunto habitacional.

A reconversão da capela numa nova escadaria pública não procura apenas responder à diferença de cotas existente entre o bairro e o quarteirão, mas também consolidar um novo ponto de ligação a estes espaços coletivos, sendo um conector físico.

Paralelamente, a proposta, para além de integrar os espaços do quarteirão às dinâmicas da comunidade residente, também procura reintroduzir espaços verdes e áreas de permanência no

interior do Bairro Herculano, reconhecendo a importância que estes assumiram anteriormente na configuração do conjunto habitacional. Outrora, como já referido, o bairro possuía áreas permeáveis e de utilização coletiva dos moradores como jardins. Contudo, a crescente necessidade de alojamento e a progressiva densificação do bairro conduziram à ocupação gradual destes vazios por novas construções, reduzindo significativamente a sua presença.

Face a esta condição, a intervenção propõe introduzir a dicotomia entre construção e vazio, implementando novas áreas, tanto verdes como espaços de utilização coletiva, que sejam capazes de melhorar a qualidade espacial e social do bairro. Deste modo, segue-se numa remoção seletiva de algumas habitações, o que permite libertar pequenas áreas estratégicas para a implementação de jardins, zonas permeáveis e espaços de permanência (praça principal e parques recreativos) que acompanham os percursos pedonais. A proposta procura devolver e desenvolver lugares contemplativos e recreativos que promovam o encontro, a apropriação e convivência comunitária, integrando-se perante as dinâmicas sociais do quotidiano da comunidade residente.

A introdução de uma praça principal em frente à antiga capela num dos lotes em que se encontravam as instalações sanitárias coletivas, alargamentos e zonas de permanência como o parque recreativo associado ao novo acesso perpendicular permite consolidar locais urbanos mais abertos e permeáveis, promovendo uma maior convivência entre moradores, visitantes e outras atividades coletivas. Desta forma, os espaços de uso público (bairro e quarteirão) deixam de funcionar como fragmentos isolados, incorporando, partindo desta proposta de intervenção, numa estrutura contínua com diferentes dimensões articuladas.

Neste contexto, a proposta reconhece o espaço público enquanto elemento fundamental para a revitalização social e urbana do Bairro Herculano. A criação de novas relações entre percursos e zonas coletivas procura restabelecer formas de apropriação comunitária anteriormente presentes no bairro, reforçando simultaneamente a ligação entre o conjunto habitacional e a cidade contemporânea.

3.1.3| Valorização de equipamentos espaciais

Na cidade contemporânea, os equipamentos coletivos e serviços de proximidade assumem um papel fundamental nos modos de vida e dinâmicas sociais e comunitárias das pessoas e espaciais da cidade.

Estes espaços induzem a capacidade da promoção de relações de proximidade, permanência e apropriação coletiva, funcionando como dispositivos espaciais que frequentam o dia a dia dos cidadãos, sobretudo na sua vivência quotidiana e articulação entre diferentes comunidades.

Os serviços coletivos e de uso público como mercados, espaços culturais, estruturas comerciais e equipamentos de apoio comunitário tornam-se resposta às necessidades dos habitantes citadinos, implementando estruturas programáticas. Estes podem afirmar-se como possíveis pontos de encontro, convivência e construção de identidade urbana. Portanto, deste ponto de vista, a presença de equipamentos integrados no tecido da cidade influencia diretamente a forma como os espaços, quando apropriados e experienciados pelos habitantes, consolidam possíveis níveis de vitalidade urbana, reforçando assim a utilização contínua do espaço público e promovendo ambientes urbanos mais acessíveis e socialmente ativos.

Alinhando-se aos pressupostos do conceito do decrescimento, a valorização e reutilização de estruturas existentes constituem eixos centrais nas práticas arquitetónicas contemporâneas. Em rutura ao paradigma tradicional de arquitetura, frequentemente assente na demolição sistemática e na subsequente construção de raiz, o decrescimento defende a adaptação, reconversão e reativação de estruturas preexistentes, reconhecendo nelas potencial espacial, material e social. Neste sentido, o "re-uso" arquitetónico surge não apenas como uma solução eficiente, mas também como uma forma consciente, preservando a memória, identidade e continuidade urbana dos lugares. Posto isto, a

conversão de edifícios inativos permite, assim, introduzir novos programas e dinâmicas coletivas sem recorrer à eliminação total das estruturas existentes, integrando-se no tecido urbano da cidade.

A obra do arquiteto Álvaro Siza para o Mercado de Viseu constitui um exemplo particularmente relevante na forma como a arquitetura procura integrar espaço público, circulação e atividade coletiva numa única estrutura urbana. Entende-se que o mercado deixa de funcionar apenas enquanto espaço comercial, assumindo-se simultaneamente como elemento que integra a vida quotidiana da cidade, promovendo relações de continuidade entre os percursos urbanos e os espaços de permanência coletiva.







Figura 21, 22 e 23 | Mercado de Viseu (Siza Vieira)



Figura 24 | Mercado de Viseu (Siza Vieira)



Figura 25 | Mercado de Viseu (Siza Vieira)

Da mesma forma que o projeto do arquiteto Rui Mendes Ribeiro, onde propõe a reabilitação do Mercado Municipal de Vila Nova de Famalicão, denota a importância da sua estratégia de regeneração urbana partindo da reutilização e adaptação de estruturas existentes. A intervenção introduz novos programas, espaços flexíveis e relações de continuidade entre interior e exterior, o que acaba por reforçar a sua capacidade de responder às necessidades contemporâneas da cidade.

O edifício passa, assim, a funcionar não somente como um equipamento comercial, mas como estrutura capaz de impulsionar novas dinâmicas sociais, culturais e urbanas.

Outro caso bastante reconhecido na cidade do Porto, o Mercado do Bolhão. Este evidencia a importância dos equipamentos coletivos enquanto elementos caraterizadores e essenciais da identidade urbana e comunitária que reside no Porto. Este estabelece uma relação direta com o espaço exterior, possuí permeabilidade dos percursos e a proximidade entre comércio, circulação e convivência coletiva que transformam o mercado num lugar espacialmente integrado com as dinâmicas quotidianas da cidade.

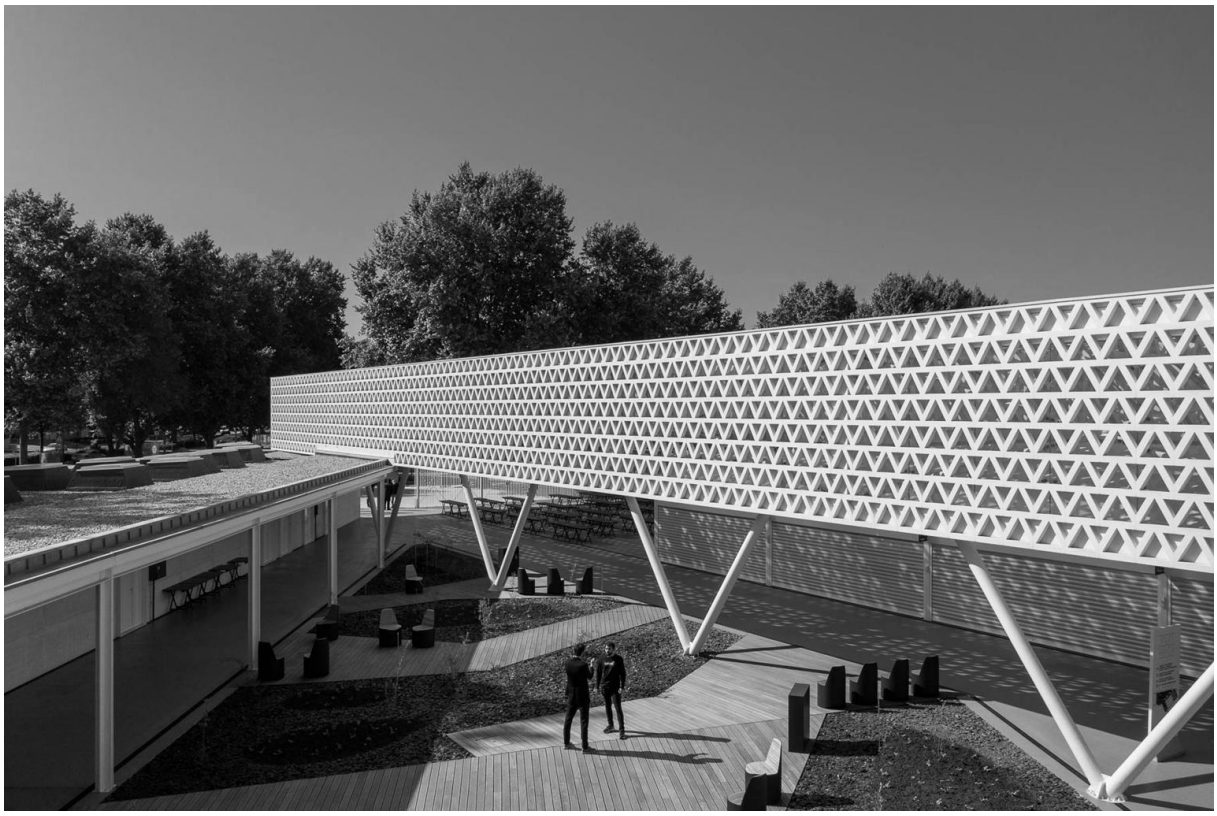


Figura 26 | Mercado de Famalicão (Rui Mendes Ribeiro)



Figura 27 | Mercado de Famalicão (Rui Mendes Ribeiro)



Figura 28 | Mercado do Bolhão, Porto



Figura 29 | Mercado do Bolhão, Porto

Dentro do quarteirão e do próprio bairro, a ausência de equipamentos coletivos e a desarticulação entre determinadas estruturas existentes contribuíram também para a sua fragmentação funcional e urbana do quarteirão. Do mesmo modo, também contribuiu para a deslocação de algumas famílias, uma vez que a escassez de acessos ou serviços de proximidade dificultavam o quotidiano dos mesmos.

Perante este contexto, a proposta assenta-se na verificação de algumas estruturas inativas e propõe programas estratégicos que se tornam essenciais no quotidiano dos residentes do Bairro Herculano, da mesma forma para os habitantes do próprio quarteirão envolto.

A proposta introduz pequenos equipamentos com propósitos comunitários, nos quais se distribuem de forma estratégica em diferentes cotas do quarteirão e do Bairro Herculano, reforçando a articulação entre os novos espaços públicos e a vivência quotidiana dos residentes. Sob uma cota inferior (cota do bairro), evidencia-se uma estrutura contigua à antiga capela que fora convertida em acesso público, onde, conforme a proposta, assentam-se instalações sanitárias coletivas para o público-alvo, os visitantes. Este procura garantir maior proximidade e segurança no interior do bairro, inserindo-se estrategicamente localizada e articulada com os principais percursos pedonais. Na cota mais elevada desta mesma estrutura, propõe-se a introdução de uma cozinha comunitária destinada aos moradores do Bairro Herculano, uma vez que a dimensão reduzida quer das habitações, quer dos corredores se revela insuficiente para acolher momentos de convívio e utilização coletiva, sobretudo durante a época das festividades locais (festas de São João). Este equipamento procura responder às necessidades coletivas dos próprios residente do bairro devido às festividades e tradições comunitárias da cidade do Porto, permitindo reforçar formas de convivência e apropriação anteriormente presentes no quotidiano do bairro.

Contudo, a inserção do novo programa proposto recai na antiga garagem da Rua Duque de Loulé. Uma estrutura de grande dimensão implantada entre o Bairro Herculano e os espaços cuja vitalidade depende da presença e participação da comunidade. Apesar da sua forte presença física no conjunto urbano, esta encontra-se desativada e desprovida de qualquer relação funcional com o bairro e com a envolvente.

Neste sentido, a proposta procura reconverter esta estrutura num novo equipamento coletivo e comercial que seja capaz de impulsionar dinâmicas sociais, económicas e urbanas no interior do quarteirão. Partindo da condição topográfica existente entre as diferentes cotas deste lugar (bairro e do quarteirão), a intervenção propõe a escavação e perfuração parcial da estrutura, permitindo reorganizar o edifício em dois níveis articulados entre si.

Na cota inferior, correspondente ao nível do Bairro Herculano, constitui-se um mercado de proximidade associado a bens essenciais e serviços de utilização quotidiana. O equipamento organiza-se através de diferentes programas comerciais, incluindo mercados de funcionamento semanal e espaços destinados a atividades periódicas de fim de semana. Introduzem-se igualmente instalações sanitárias públicas e uma praça de alimentação central, responsável pela organização do espaço coletivo interior do edifício.

A configuração do mercado procura promover ambientes abertos e permeáveis, reforçando simultaneamente a relação entre comércio, convivência e utilização coletiva.

A sua proximidade da nova escadaria principal permite ainda consolidar relações visuais e funcionais entre o interior da garagem e os espaços públicos superiores do quarteirão. A circulação vertical e horizontal é garantida através de rampas exteriores, elevadores e percursos pedonais articulados com a nova rede viária proposta, permitindo uma maior fluidez e continuidade entre os diferentes níveis da intervenção.

No piso superior da garagem, correspondente à cota dos espaços públicos revitalizados do quarteirão, implementa-se um café e espaços de "co-working" que seja capaz de promover pontos de encontro e convivência coletiva entre moradores e visitantes. Complementarmente, a introdução de uma esplanada exterior procura reforçar a relação entre interior e exterior, promovendo novas formas de apropriação do espaço público e contribuindo para a vitalidade urbana do conjunto.

A presente investigação procurou compreender o Bairro Herculano enquanto estrutura urbana consolidada, marcada simultaneamente por processos de fragmentação espacial, degradação física e forte identidade comunitária. Ao longo do desenvolvimento do trabalho de projeto, tornou-se evidente que, apesar das fragilidades atualmente presentes no bairro e no quarteirão envolvente, persistem dinâmicas sociais, relações de proximidade e formas de apropriação coletiva que continuam a desempenhar um papel determinante na vivência quotidiana dos seus habitantes.

A análise das problemáticas espaciais permitiu reconhecer a reduzida permeabilidade do conjunto habitacional, a ausência de espaços públicos qualificados, a desarticulação entre equipamentos coletivos e a progressiva compactação da massa edificada enquanto fatores responsáveis pelo isolamento do bairro relativamente à cidade contemporânea. Contudo, estas fragilidades revelaram igualmente potencialidades capazes de fundamentar uma estratégia de revitalização urbana baseada na continuidade, reutilização e reativação do tecido urbano existente.

Neste contexto, o conceito de decrescimento assumiu-se como princípio orientador da proposta, defendendo uma abordagem crítica à substituição indiscriminada do património construído e valorizando a reutilização de estruturas existentes enquanto estratégia de regeneração urbana. Em oposição a modelos centrados exclusivamente na demolição e construção de raiz, a proposta procurou reconhecer valor espacial, social e urbano nas estruturas preexistentes, promovendo intervenções capazes de preservar a memória e identidade do lugar, ao mesmo tempo que respondem às exigências contemporâneas da cidade.

A proposta de revitalização desenvolveu-se, assim, através da articulação entre três princípios fundamentais: a reestruturação da rede viária, a reconfiguração do espaço público e a valorização de

equipamentos coletivos enquanto elementos estruturadores de novas dinâmicas urbanas e comunitárias. A introdução de novos atravessamentos, espaços de permanência e áreas verdes procurou reforçar a permeabilidade e continuidade entre o Bairro Herculano, o quarteirão e a cidade envolvente, promovendo simultaneamente melhores condições de convivência e apropriação coletiva do espaço urbano.

Paralelamente, a reconversão da antiga garagem da Rua Duque de Loulé afirmou-se como principal elemento estruturador da proposta, funcionando enquanto novo equipamento coletivo e comercial capaz de impulsionar diferentes formas de utilização social, económica e comunitária. A reutilização desta estrutura procurou demonstrar como edifícios desativados podem assumir um papel ativo na regeneração urbana, reforçando relações de continuidade entre circulação, espaço público e comunidade residente.

Deste modo, a investigação procurou demonstrar que a revitalização do Bairro Herculano não deve limitar-se à simples recuperação física do edificado, mas compreender-se como um processo mais amplo de reativação espacial, social e urbana. A proposta defende uma abordagem baseada na continuidade, na reutilização e na valorização das dinâmicas comunitárias existentes, reconhecendo o bairro não enquanto fragmento isolado da cidade, mas como estrutura capaz de integrar novas formas de vivência coletiva e regeneração urbana contemporânea.

Figura 1 | Localização dos núcleos habitacionais na cidade do Porto
Fonte: BREDA VÁZQUEZ, Isabel; CONCEIÇÃO, Paulo – Ilhas do Porto: Levantamento e Caracterização. Vol. 2. Porto: Município do Porto, 2015, p. 158–159.

Figura 2 | Porto: "Ilha" da Rua de São Vítor, n.º 179. (Câmara Municipal do Porto, 1941)
Fonte: Arquivo Histórico Municipal do Porto
Disponível em: https://gisaweb.cmporto.pt/units-of-description/documents/798610/

Figura 3 | Planta dos principais "tipos" de ilha
Fonte: TEIXEIRA, Manuel C. – Habitação Popular na Cidade Oitocentista. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

Figura 4 | Fotografia da ilha do Porto
Fonte: PEREIRA, Gaspar Martins – As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX. In: SANTOS, Carlota (ed.). Família, Espaço e Património. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, 2011, p. 477–493.

Figura 5 | Condições Desumanas do Corredor da "Ilha" do Porto. (Câmara Municipal do Porto, 1960)
Fonte: Arquivo Histórico Municipal do Porto
Disponível em: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-ofdescription/documents/276169/

Figura 6 | Fotografia da ilha do Porto
Fonte: AMARAL, Bernardo – Ilha de São Vítor. Porto: BAAU – Bernardo Amaral Arquitectura + Urbanismo, s.d.
Disponível em: https://www.baau.pt/project/reabilitacao-de-ilha-na-rua-s-vitor-172/

Figura 7 | Fotografia da ilha do Porto
Fonte: VIVA PORTO – Em 1939 viviam no Porto mais de 45 mil pessoas em 1152 ilhas. Viva Porto, s.d. Disponível em: https://viva-porto.pt/em-1939-viviam-no-porto-mais-de-45-mil-pessoas-em-1152-ilhas/

Figura 8 | Planta do Bairro Herculano, Teles Ferreira
Fonte: Arquivo Histórico Municipal do Porto. Disponível em: https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519663/?q=bairro+herculano

Figura 9 | Desenho a óleo de Henrique Pousão, representando as obras de abertura da Rua Alexandre Herculano. Reprodução fotográfica de Teófilo Rego
Fonte: Arquivo Histórico do Porto.
Disponível em: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-ofdescriptiondocuments/338964/?q=artistas+rua+alexandre+herculano

Figura 10 | Vista da Rua Central do Bairro Herculano
Fonte: MAGALHÃES, Sofia Monteiro Coelho de – Bairro Herculano: Novo Estrato num Processo de Sedimentação. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Figura 31.

Figura 11 | Fotografias dos arruamentos do Bairro Herculano
Fonte: GIOIA, Stefania – A Fascinating Small District in Porto [em linha]. Tiplr, 13 mar. 2017.
Disponível em: https://tiplr.com/tips/europe/portugal/porto-district/porto/a-fascinating-small-district-in-porto/

Figura 12 | Fotografias dos arruamentos do Bairro Herculano
Fonte: NILS – Arbeiterviertel in Porto [em linha]. 2016.
Disponível em: https://nils.mipi.de/de/2016/09/arbeiterviertel-in-porto/

Figura 13 | Fotografia da Rua 4 do Bairro Herculano
Fonte: MAGALHÃES, Sofia Monteiro Coelho de – Bairro Herculano: Novo Estrato num Processo de Sedimentação. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Figura 30.

Figura 14 | Fotografia aérea do quarteirão (Google Earth)
Fonte: Google Earth Pro [em linha]. Imagem capturada em maio de 2026.

Figura 15 | Entrada do Bairro Herculano a partir da Rua das Fontainhas
Fonte: TEIXEIRA, Manuel C. (1996) – Habitação Popular na Cidade Oitocentista, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 363

Figura 16 | Rua Principal do Bairro Herculano
Fonte: TEIXEIRA, Manuel C. (1996) – Habitação Popular na Cidade Oitocentista, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 364

Figura 17 | Fotografia das festividades no bairro
Fonte: MAGALHÃES, Sofia Monteiro Coelho de – Bairro Herculano: Novo Estrato num Processo de Sedimentação. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Figura 26.

Figura 18 | Fotografia das festividades no bairro
Fonte: MAGALHÃES, Sofia Monteiro Coelho de – Bairro Herculano: Novo Estrato num Processo de Sedimentação. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2017. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Figura 27.

Figura 19 | Registos em contexto de atelier integrado (trabalho realizado por Marco Oliveira, Nuno Fernandes e Tiago Rocha)
Fonte: Elaboração própria, com base nos registos produzidos em contexto de atelier integrado por Marco Oliveira, Nuno Fernandes e Tiago Rocha.

Figura 20 | Ilustração das dinâmicas do Bairro Herculano
Fonte: PINTO, Alexandra Denise – fotografia reproduzida em JOGO, Daniela; CAMPOS, Maria; LIMA, Joana; PINTO, Alexandra Denise; TAVARES, Sara – O Bairro Herculano já não tem portões, mas continua a ser um segredo bem guardado na Invicta [em linha]. JPN, 12 jun. 2018.
Disponível em: https://www.jpn.up.pt/2018/06/12/o-bairro-herculano-ja-nao-tem-portoes-mas-continua-a-ser-o-segredo-mais-bem-guardado-da-invicta/

Figura 21 | Mercado de Viseu (Siza Vieira)
Fonte: CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU – Esclarecimento: Carta Aberta sobre o Mercado 2 de Maio [em linha].
Disponível em: https://www.cm-viseu.pt/pt/noticias/esclarecimento-carta-aberta-sobre-o-mercado-2-de-maio/

Figura 22 | Mercado de Viseu (Siza Vieira)
Fonte: CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU – Zona Central do Mercado 2 de Maio privilegiará o setor da restauração [em linha].
Disponível em: https://www.cm-viseu.pt/pt/noticias/zona-central-do-mercado-2-de-maio-privilegiara-o-setor-da-restauracao/

Figura 23 | Mercado de Viseu (Siza Vieira)
Fonte: CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU – Revitalização do Mercado 2 de Maio [em linha].
Disponível em: https://www.cm-viseu.pt/pt/areas-servicos/reabilitacao-urbana/revitalizacao-do-mercado-2-de-maio/

Figura 24 | Mercado de Viseu (Siza Vieira)
Fonte: CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU – Revitalização do Mercado 2 de Maio [em linha].
Disponível em: https://www.cm-viseu.pt/pt/areas-servicos/reabilitacao-urbana/revitalizacao-do-mercado-2-de-maio/

Figura 25 | Mercado de Viseu (Siza Vieira)
Fonte: CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU – Revitalização do Mercado 2 de Maio [em linha].
Disponível em: https://www.cm-viseu.pt/pt/areas-servicos/reabilitacao-urbana/revitalizacao-do-mercado-2-de-maio/

Figura 26 | Mercado de Famalicão (Rui Mendes Ribeiro)
Fonte: RAMOS, Diana Soares – Famalicão: de mercado municipal a praça com pala para toda a obra [em linha]. P3/Público, 16 set. 2021.
Disponível em: https://www.publico.pt/2021/09/16/p3/fotogaleria/famalicao-de-mercado-municipal-a-praca-com-pala-para-toda-a-obra-406740

Figura 27 | Mercado de Famalicão (Rui Mendes Ribeiro)
Fonte: IVO TAVARES STUDIO. Fotografia publicada em Projeto de Reabilitação do Mercado Municipal de Vila Nova de Famalicão / Rui Mendes Ribeiro, ArchDaily Brasil, 2022.
Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/968456/projeto-de-reabilitacao-do-mercado-municipal-de-vila-nova-de-famalicao-rui-mendes-ribeiro

Figura 28 | Mercado do Bolhão, Porto
Fonte: SILVA, Mafalda – 5 coisas que não sabia sobre o Mercado do Bolhão [em linha]. Viva Porto, 2022.
Disponível em: https://viva-porto.pt/5-coisas-que-nao-sabia-sobre-o-mercado-do-bolhao/

Figura 29 | Mercado do Bolhão, Porto
Fonte: FERNÁNDEZ, Marta – Qué ver en Bolhão, el barrio más auténtico de Oporto [em linha]. Llegar Sin Avisar, 2022.
Disponível em: https://www.llegarsinavisar.com/que-ver-en-bolhao-el-barrio-mas-autentico-de-oporto/

Borges, M. (2009). *Das ilhas: Possibilidade dos agentes de uma realidade participarem na criação do repertório imagético que pretende documentá-la* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto].

Carvalho, P. (2014, 14 de setembro). *A cidade atrás do muro*. Público. https://www.publico.pt/2014/09/14/portugal/noticia/a-cidade-atras-do-muro-1669353

Decrescimento: Uma nova visão de sustentabilidade. (2019). Notícias Magazine / Jornal de Notícias. https://www.jn.pt/noticias-magazine/artigo/decrescimento-uma-nova-visao-de-sustentabilidade/11413473

Domus Social, EM. (2015). Ilhas do Porto: Levantamento e caracterização. Domus Social. https://www.domussocial.pt/noticias/apresentacao-do-estudo-ilhas-do-porto-levantamento-e-caracterizacao

Machado, F. J. O. S. (2024). *Arquitetura como equalizador social: A reabilitação da Ilha da Bela Vista* [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. RepositóriUM.

Magalhães, S. M. C. (2017). *Bairro Herculano: Novo estrato num processo de sedimentação* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto].

Oliveira, C. S. T. (2015). *Habitação operária: Proposta de reabilitação: O caso das ilhas do Porto* [Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior].

Pereira, G. M. (2011). As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX. *Família, espaço e património* (pp. 477–493). Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

Rodrigues, F. (2011, 11 de janeiro). *A Ilha do Bairro Herculano – um espaço de Dentro e de Fora na cidade do Porto*. ProibidoApontar. https://proibidoapontar.blogspot.com/2011/01/ilha-do-bairro-herculano-um-espaco-de.html

Schreck, I., & Lima, T. (2018, junho 12). *O Bairro Herculano já não tem portões, mas continua a ser o segredo mais bem guardado da Invicta*. JPN. https://www.jpn.up.pt/2018/06/12/o-bairro-herculano-ja-nao-tem-portoes-mas-continua-a-ser-o-segredo-mais-bem-guardado-da-invicta/

Silva, G. (2023, 25 de julho). *O Porto do Germano: Um antigo bairro operário no centro da cidade*. Jornal de Notícias. https://www.jn.pt/pais/artigo/o-porto-do-germano-um-antigo-bairro-operario-no-centro-da-cidade/17765520

Teixeira, M. C. (1996). *Habitação popular oitocentista*. Fundação Calouste Gulbenkian.

PLANTA DE ALTERAÇÕES DO BAIRRO HERCULANO (ELEMENTOS A DEMOLIR E A CONSTRUIR)



A CONSTRUIR

A DEMOLIR

A MANTER

PLANTA DE VERMELHOS E AMARELOS DO RÉS DO CHÃO

0 5 15 25

1 10 20

FOLHA DE DESENHO 1

PLANTA DE ALTERAÇÕES DO BAIRRO HERCULANO (ELEMENTOS A DEMOLIR E A CONSTRUIR)



FOLHA DE DESENHO 2

PLANTA DE VERMELHOS E AMARELOS DO 1º PISO

A CONSTRUIR

A DEMOLIR

A MANTER

0 5 15 25

1 10 20



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO DO BAIRRO HERCULANO

FOLHA DE DESENHO 3



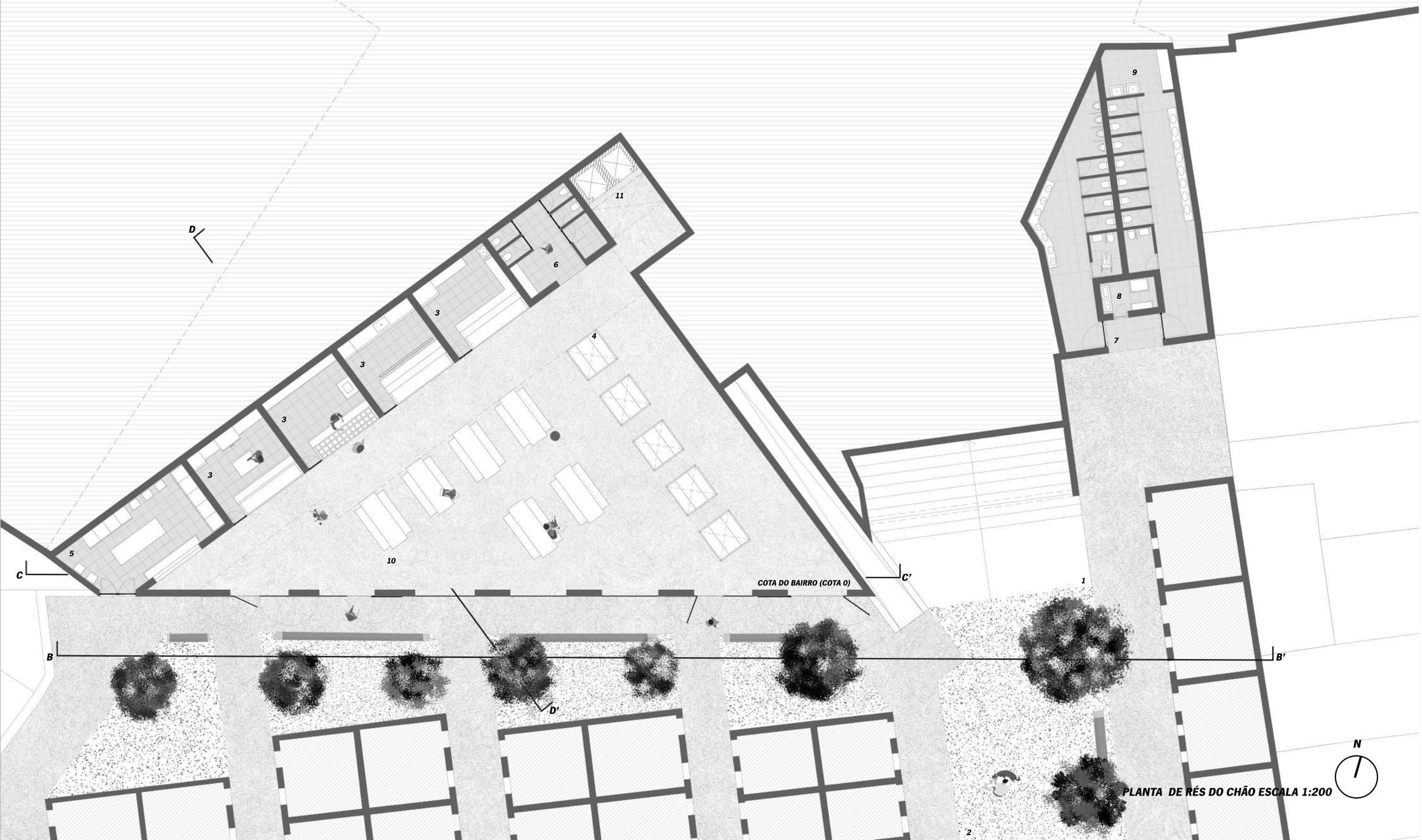
CORTE AA' – LEVANTAMENTO ARQUITETÓNICO
ESCALA 1:200



CORTE AA' – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
ESCALA 1.:200

REVITALIZAÇÃO DO BAIRRO HERCULANO NO PORTO: UMA COMUNIDADE, UM QUARTEIRÃO

1. ESCADARIA PRINCIPAL
2. PRAÇA DO BAIRRO
3. PONTOS DE VENDA FIXOS (FUNCIONAMENTO DIÁRIO)
4. PONTOS DE VENDA TEMPORÁRIOS (FUNCIONAMENTO AOS FINS DE SEMANA)
5. LAVANDARIA SELF-SERVICE
6. CASAS DE BANHO (MERCADO)
7. CASAS DE BANHO PÚBLICAS
8. FRALDÁRIO
9. ARRECADAÇÃO WC
10. PRAÇA DA ALIMENTAÇÃO
11. ACESSOS VERTICAIS (ELEVADORES)



PLANTA DE RÉS DO CHÃO ESCALA 1:200

FOLHA DE DESENHO 5

REVITALIZAÇÃO DO BAIRRO HERCULANO NO PORTO: UMA COMUNIDADE, UM QUARTEIRÃO

1. ESCADARIA PRINCIPAL
2. PRAÇA DO BAIRRO
11. ACESSOS VERTICAIS (ELEVADORES)
12. CAFÉ
13. ESPAÇOS DE "CO-WORKING"
14. ESPLANADA EXTERIOR
15. COZINHA COMUNITÁRIA
16. CASAS DE BANHO (CAFÉ)

11

D

(COTA 2.4 M)

12

14

COTA DO QUARTEIRÃO (COTA 3)

1

15

16

13

C

COTA DO BAIRRO (COTA 0)

C'

B

B'

D'

2

N

PLANTA DO 1º PISO ESCALA 1:200

FOLHA DE DESENHO 6

D

C

C'

B

B'

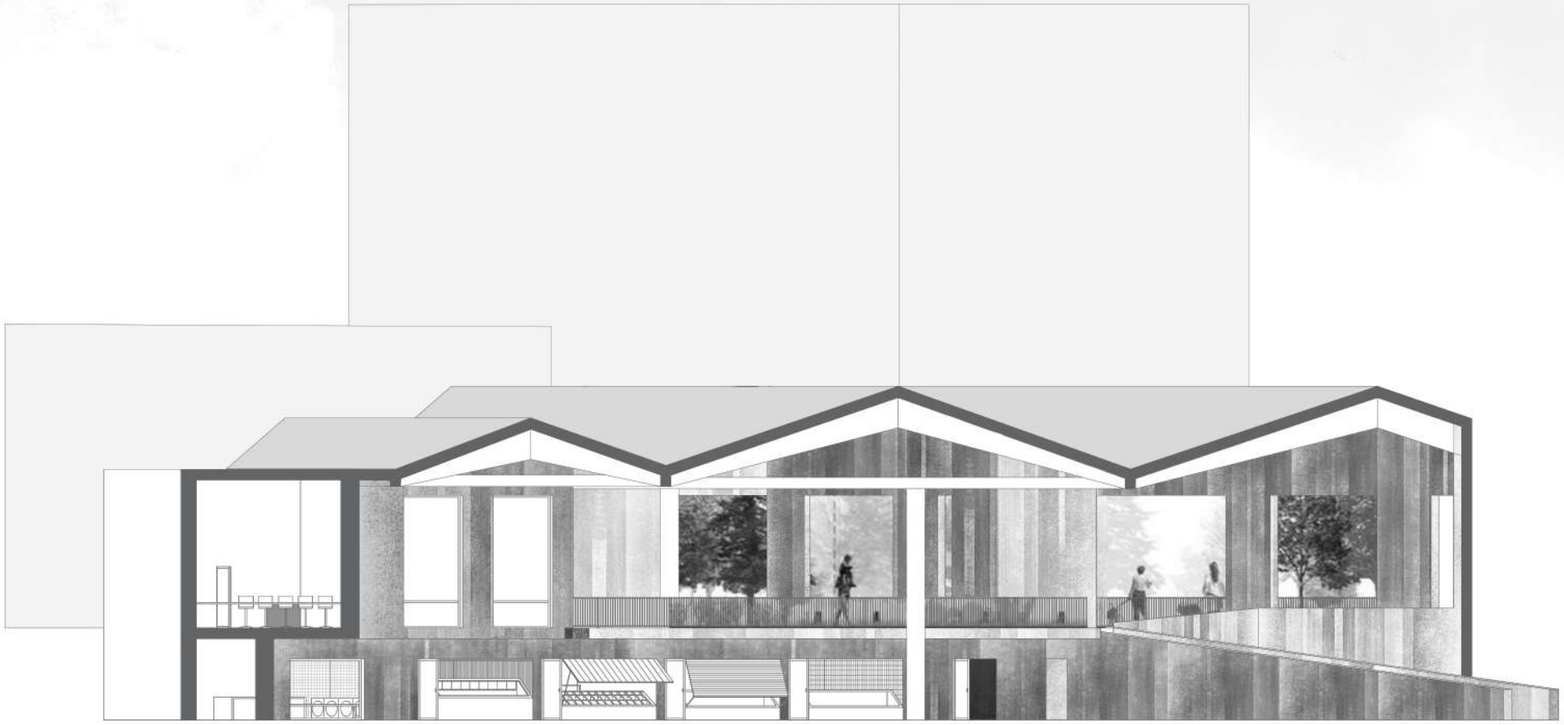
D'

N

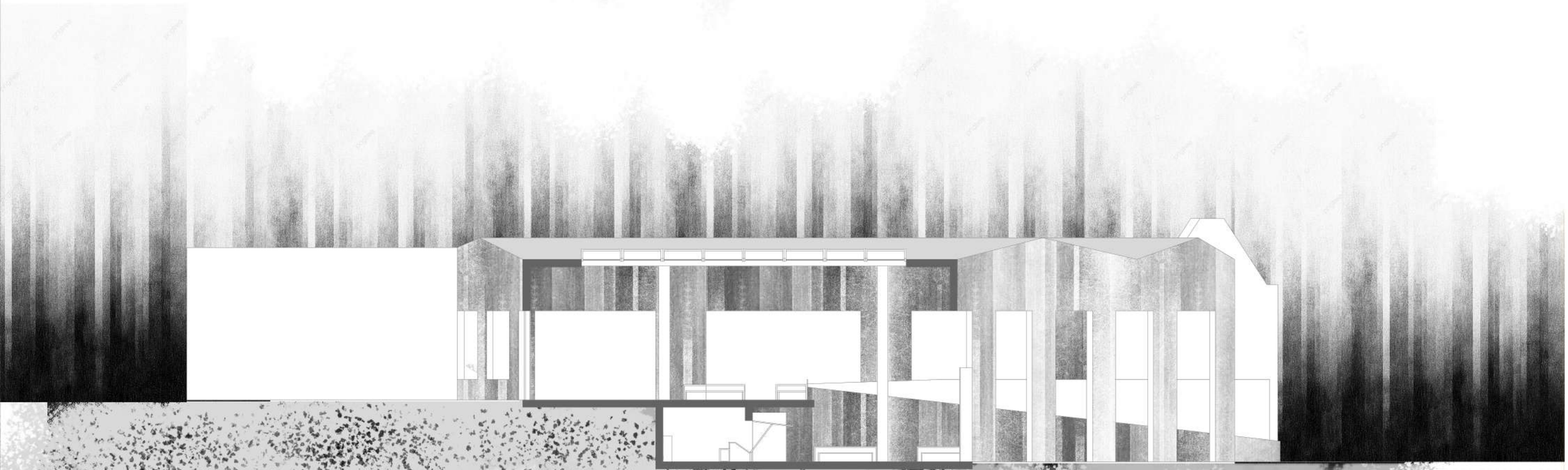
PLANTA DE COBERTURA ESCALA 1:200



ALÇADO BB' ESCALA 1:200

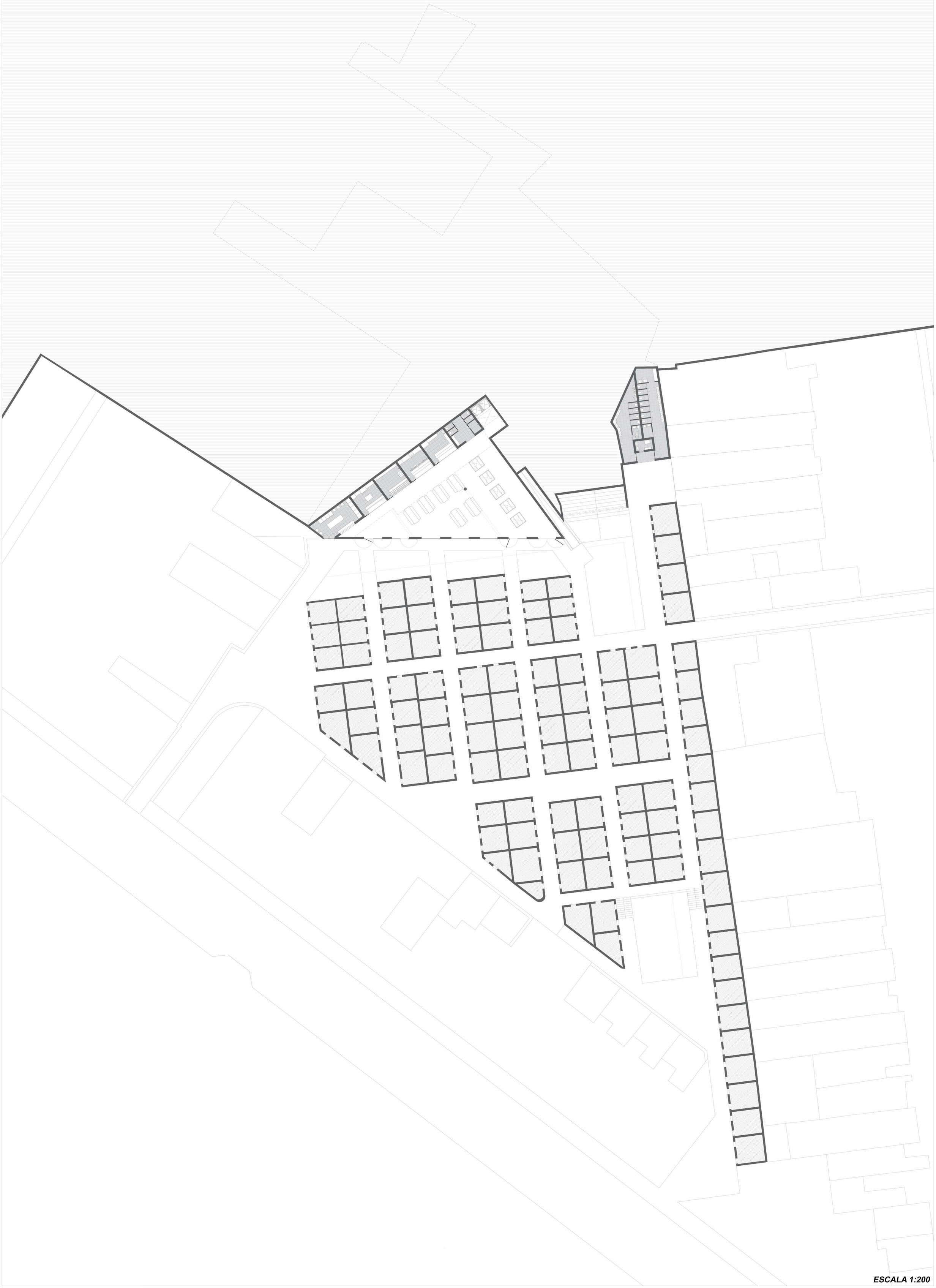


CORTE CC' ESCALA 1:200



CORTE DD' ESCALA 1:200

PLANTA DE RÉS DO CHÃO



ESCALA 1:200

PLANTA DO 1º PISO



ESCALA 1:200

PLANTA DE COBERTURA



ESCALA 1:200